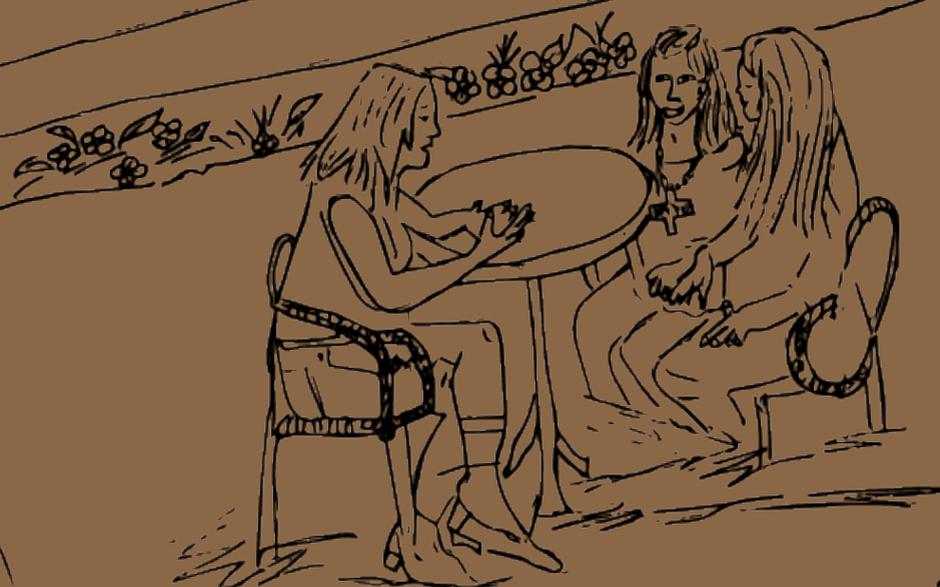
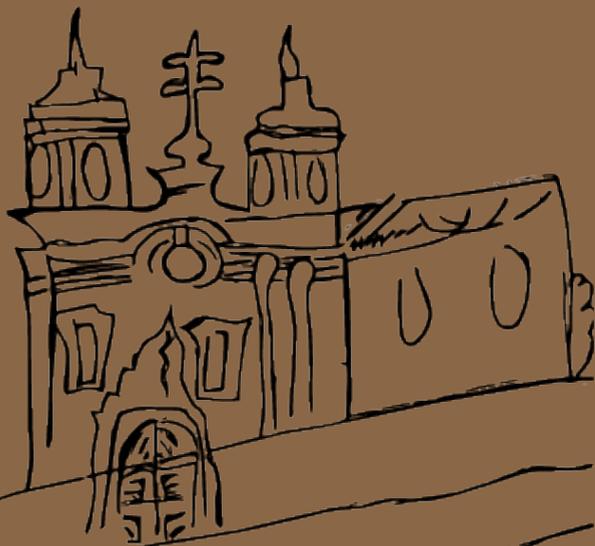


# Prosa sobre a Fé



Rosana

Cremilda Moutinho



*Prosa  
Sobre  
a Fé*

Cremilda Moutinho

**MOUTINHO, Cremilda**

**Prosa Sobre a Fé:** É um livro de entrevistas apresentado como produto do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da UFOP Cremilda Moutinho - Ouro Preto: 2023

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA)  
Departamento de Jornalismo (DEJOR)  
JOR 238 Trabalho de Conclusão de Curso II

**Professora orientadora:** Hila Bernardete Silva Rodrigues  
**Orientanda:** Cremilda Aparecida Moutinho

**Entrevista e editoração:** Cremilda Moutinho  
**Ilustração:** Rosana Aparecida Moutinho dos Santos  
e Diogo Ezequiel dos Santos  
**Diagramação:** Líria Barros

## SUMÁRIO

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO.....                   | 7  |
| PERSPECTIVA DA FÉ.....              | 9  |
| A MAIOR EXPERIÊNCIA DE FÉ.....      | 19 |
| O CHAMADO.....                      | 25 |
| SURPRESA DE DEUS.....               | 30 |
| RADICALIDADE EVANGÉLICA.....        | 36 |
| PREPARAR AS PESSOAS PARA O CÉU..... | 46 |
| O LEGADO DA FÉ.....                 | 56 |
| AGRADECIMENTOS.....                 | 68 |



“A Vida é um grande contrato de risco. E uma das cláusulas mais importantes desse contrato é que devemos viver cada dia como um novo capítulo e cada capítulo como uma aventura. Quem se aprisionou no cárcere da rotina não sonha, não se recicla, não se aprende mais. Deixou de ser autor da própria história, tornou-se um zumbi, ainda que esteja fisicamente vivo.”

Augusto Cury  
(O homem mais inteligente da história, 2016)



## APRESENTAÇÃO

Nesse tempo de produção deste livro, as incertezas e as preocupações rondavam meus pensamentos. Mas descobri o significativo da confiança. Apesar de não conhecer a maioria dos entrevistados, eu me surpreendi com o interesse e a disposição que cada um expressava durante as nossas conversas. A partir daí, compreendi a importância de escrever a história de cada pessoa que narra alguns dos momentos mais difíceis de sua vida. A obra *Prosa sobre a fé* tocou profundamente a minha vida, pois, quando comecei a escrever o livro, estava vivenciando um momento de total aridez no campo da fé. Vi-me diante das dores, das lágrimas, das dificuldades, da vivência do luto, da superação e da confiança em Deus que cada um desses personagens foi me revelando ao longo dos nossos diálogos.

Foi um tempo bonito, cheio de expectativas e, claro, com inúmeros desafios. Esse papel seria pouco para descrevê-los, então citarei dois momentos. O primeiro foi ao me deparar com a dor do outro quando, em uma manhã, recebi uma mensagem pelo whatsapp de uma das fontes. Ela me dizia que seu pai havia falecido e eu me vi outra vez diante do luto. Tivemos que parar com o processo da entrevista e, naqueles dias, recordo-me que chorei. O segundo desafio foi compreender a linguagem do outro em sua própria cultura, seu próprio modo de dizer. Os entrevistados e entrevistadas vivenciaram suas experiências em lugares diversos, cada um com suas singularidades.

A partir do desenvolvimento deste trabalho, compreendi os conceitos que atravessam a prática jornalística. Passei a ver essa atividade com outros olhos, pois tive que colocar em ação o que havia aprendido durante o curso. Além disso, percebi que o papel do jornalista não é somente se aproximar da verdade, apurar os fatos, preservar a fala, interagir com a fonte – e adquirir e passar confiança. É também agir com misericórdia e ter a sensibilidade para escutar. Este foi um dos pontos mais significativos no processo de elaboração desta obra.

Este trabalho representa, assim, a confiança que adquiri como profissional, mas também a noção que tenho hoje da responsabilidade necessária para dar voz ao outro – e de como é importante mostrar a esse outro o seu valor humano. Representa, ainda, o carácter fundamental da relação com pessoas diversificadas, da abertura para outras culturas, costumes, dialetos e modos de pensar e de viver.

Cremilda Moutinho

# *Perspectiva da Fé*



**“Algumas pessoas chamariam de sorte, de coincidência, mas eu me apego sempre na perspectiva da fé.”**

**Daniele Carvalho**

# *Perspectiva da Fé*

Entrevista com Daniele Aparecyda Vale Carvalho



*Daniele achou que nunca entraria numa universidade pública. Hoje, quando se vê no Morro do Cruzeiro, na antiga Vila Rica, não acredita que está na Universidade Federal de Ouro Preto, matriculada no curso de Direito. Em breve, vai ser advogada. Para ela, um milagre. Daniele havia perdido as esperanças de entrar na universidade, pois já estava na sétima chamada e seu nome, mais uma vez, não aparecia na listagem. Buscou inspiração na mãe, que não deixou de confiar e continuou insistindo para que ela não desistisse. Tinha convicção que o momento estava próximo. Daniele, então, seguiu verificando cada lista divulgada pela UFOP. De repente lá estava o nome dela na oitava chamada: Daniele Aparecyda Vali Carvalho.*

*A futura advogada, filha de Viviane Aparecida Vali Carvalho, diarista, e de Lucimar de Carvalho, lavrador, nasceu no município de Espera Feliz (nome sugestivo nesse percurso para a vida adulta, não?), um lugar habitado por pouco mais de 25 mil habitantes, situada Na Zona da Mata, na serra do Caparaó. Em 2019, ao completar 18 anos de idade, deu um passo que julga o mais importante até aqui: estudar em uma universidade pública, gratuita. No outono daquele ano, a nova estudante de Direito da UFOP realizava um sonho. E tinha a vida toda transformada, não só porque virava universitária, mas porque precisava deixar sua casa e mudar de cidade. Agora viveria em Ouro Preto. Sem os pais, sem os amigos de uma vida inteira, sem conhecer os espaços que ocuparia, os desafios eram muitos. Mas a fé também.*

## Por que sua entrada na universidade pública é uma história de fé?

História de fé... Confesso que muitas vezes me esqueço de quantas vezes vivenciei histórias de fé. Porque elas acontecem entre familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos. É muito comum ouvirmos relatos de pessoas que viveram alguma experiência intensa com a fé. Quando penso sobre minha própria trajetória de vida, me deparo em diversos momentos com acontecimentos que eu diria que são inexplicáveis – pensando racionalmente. Algumas pessoas chamariam de sorte, de coincidência, mas eu me apego sempre na perspectiva da fé. Entre esses diversos casos, destaco esse, que mudou completamente a minha vida: Meus pais, desde cedo, sempre me ensinaram que buscar a educação, pelo estudo, era o caminho certo a ser seguido. Então sempre fui uma aluna dedicada. Eu gostava de estudar e cultivava em mim o sonho de poder cursar a faculdade. Quando entrei no ensino médio, me veio aquela famosa dúvida: o que fazer, o que cursar? Passei a pesquisar sobre os cursos e a tentar encontrar alguma coisa com que eu me identificasse. Num dado momento me senti entusiasmada pelo Direito. Nem sabia muito por que, mas parecia que algo ali me agradava. Quando manifestei minha vontade, muitas pessoas me disseram que aquela não era a área certa para mim. Diziam que o Direito envolvia um sistema corrompido, uma cela de leões, e que era melhor eu pensar em outra opção. Eu até tentei, mas, por algum motivo, meu coração me dizia que mudar não seria uma decisão certa. Uma noite, depois de desabafar com Deus sobre a minha angústia, eu peguei a Bíblia e implorei que me fosse dada uma resposta. E caí em lágrimas quando li o que estava na página que abri: “Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca.” Amós, capítulo 5, versículo 24. A partir daquele momento, não tive mais dúvidas. O processo do vestibular foi bastante turbulento, como costuma ser. E, por ser um curso muito concorrido, eu sabia que conseguir uma vaga não seria fácil. Meus pais não tinham condições de me manter em uma faculdade particular e por isso mesmo esse sonho da federal também era almejado. Eu cheguei a passar em duas instituições de ensino particulares com bolsa de 100%, mas preferi não ir. Eu sentia que não deveria estar lá. Quando começaram a sair os primeiros resultados do SISU daquele ano, logo vi que seria muito complicado entrar na Universidade Federal de Viçosa que eu pretendia.

Logo no segundo dia do programa, a nota de corte ultrapassou a minha nota. Eu simplesmente quis desistir e deixar para tentar no outro ano. Um primo, então, pediu meus dados para pesquisar a possibilidade de entrada em outras universidades. E aí, quando fecharam as inscrições, ele me avisou que tinha me colocado para concorrer na lista de espera da UFOP, a Universidade Federal de Ouro Preto. Foi quando comecei a ficar atenta às chamadas. A cada vaga que surgia, novos alunos eram chamados. Essas vagas eram preenchidas aos poucos e, por isso, fiquei atenta às primeiras sete chamadas, com muita expectativa. Na sétima chamada eu já era a terceira da lista - e foi justamente quando se matricularam dois alunos nas duas vagas que surgiram. Me convenci, naquele momento, que não era a hora para mim. Mas minha mãe, não. Ela sempre soube dos planos que Deus tinha para mim. Repito: ela sempre soube. Eu já tinha parado de acompanhar as listas de chamada - até porque achei que elas já tinham acabado. Mas minha mãe continuou atenta. Foi então que divulgaram uma oitava chamada. Lá estava meu nome. Era só o meu nome e eu não conseguia compreender: a turma já estava completa, mas, mesmo assim, tinham me chamado. Fui a última matriculada do curso de Direito naquele período. As turmas geralmente têm um total de 50 alunos, a minha tinha 51. Isso me fez entender que nem tudo o que planejamos acontece, mas tudo o que é nosso, e destinado por Deus, ninguém tira. Hoje sou coordenadora do Ministério Universidades Renovadas de Ouro Preto, sinto que Deus precisava de mim neste lugar. Eu não sei dizer por que eu, mas sei que ele me queria aqui e por isso devo servi-lo. Espero poder usar da minha profissão para realizar o sonho de Deus na minha vida e na vida de outras pessoas.

**O que lhe dá certeza de que há “algo a mais” envolvido nessa história? Por exemplo: também seria possível pensar que o trecho que você leu na Bíblia fosse uma coincidência naquele momento. Ou que o fato de você estar hoje no Ministério Universidades Renovadas de Ouro Preto seja exatamente o resultado de sua chegada a Ouro Preto para estudar - e não necessariamente um “milagre”.**

O que me leva a crer que isso foi uma obra de Deus é que esse não foi um caso isolado na minha vida. Já tive muitas provas de que Deus faz coisas

na minha vida, e que não são apenas coincidências. Por exemplo: parei de tomar leite com 21 dias de idade, não aceitava nenhum outro tipo de alimentação. Eu, literalmente, quase morri. Minha mãe fez uma promessa para Nossa Senhora da Penha. Com dois meses, comecei a comer papinha e me desenvolvi normalmente, sem quase nunca ter consumido leite – o que, para uma criança recém-nascida, era bastante complicado. Aos 9 anos, eu consegui uma bolsa de estudos numa escola de música da minha cidade. Tive a oportunidade de aprender a fazer o que mais amo, que é tocar e cantar. Anos depois eu já dava aula de violão em três cidades e conseguia pagar minhas coisas... Mais: quando tinha 11 anos, me ofereceram uma bolsa de estudos no melhor colégio da região – um colégio católico que me ensinou muito mais do que as matérias escolares. Esse colégio ficava muito longe da minha casa, a 40 quilômetros, e eu não tinha como pagar transporte. Ai uma das professoras se ofereceu para pagar. Ganhei todo o material escolar e o uniforme. Mais tarde, já com 15 anos, um professor de inglês dessa mesma escola me concedeu uma bolsa de estudos na Wizard, da qual ele era sócio. Depois de tudo isso, passei no Enem – e no curso com que sonhava... E o resto você já sabe. Isso é só um breve resumo de tudo o que eu já ganhei... Não consigo considerar tudo isso uma simples coincidência. Por que eu teria tantas oportunidades sem ter nenhuma condição? E não era só meu esforço... Como eu disse, às vezes as pessoas nem me conheciam. Simplesmente chegavam e me davam as coisas, abriam caminho para novas oportunidades.

**Alguém em especial inspirou você nessa perspectiva da fé? No sentido de esta fé nortear o seu caminho?**

Meus pais.

**Por quê? Qual foi o papel deles?**

Então... Eu acho que eu não tenho alguém muito específico assim. Meus pais são o princípio da minha fé, porque sempre me ensinaram isso. Minha mãe me ensinou a ter devoção à Nossa Senhora desde sempre – e foram eles que me ensinaram que o caminho mais certo a se seguir era o caminho de Deus. Então eu coloquei isso na minha vida desde muito cedo.

Embora eu tenha encontrado, na minha trajetória, outras pessoas que admiro, não vejo em quem, exatamente, elas me inspiraram. A minha fé vem muito mais de dentro de mim mesmo do que daquilo que os outros tentam me mostrar.

**Quando foi que você percebeu essa relação mais forte com a religião? Como foi que você identificou isso em você?**

Por volta dos 17 anos. Foi quando senti o Espírito Santo pela primeira vez. Foi durante um encontro de jovens, em Dolores do Rio Preto, no Estado do Espírito Santo. Não me lembro do tema do encontro, mas lembro que senti algo que eu nunca tinha experimentado – e era algo que, com certeza, eu queria sentir mais vezes.

**E houve algum momento em que você experimentou isso, essa fé, de forma mais concreta?**

Com 18 anos, quando vim para Ouro Preto e comecei a participar do Grupo de Oração.

**Por quê? O que aconteceu?**

Quando eu vim para Ouro Preto, comecei a participar do GOU, o Grupo de Oração Universitário. Os encontros aconteciam três vezes por semana e eu comecei a participar de todos (risos). O pessoal me chamava para os eventos e missas da igreja... Eu estava no primeiro período, então ainda não tinha muitos compromissos com a faculdade, não trabalhava, e isso fez com que eu me tornasse mais ativa nessa questão da fé. De modo que, depois dessa experiência de oração, eu conseguia sentir que Deus, de fato, habitava em mim. Embora eu participasse de outras coisas, antes eu não tinha muito tempo. Morava na zona rural, então não tinha acesso nem mesmo à missa de domingo. A missa lá era uma vez no mês. Aqui em Ouro Preto, eu podia ir à missa três vezes na semana se quisesse. Além disso, algumas pessoas me influenciavam a ter essa fé mais ativa – pessoas do GOU mesmo, que me acompanharam nessa nova etapa da minha vida.

Você disse que foi “conduzida” para a vida que tem hoje. Por quê?”

Acredito que Deus foi colocando pessoas na minha vida que foram me direcionando, pessoas que, de alguma forma, me mostravam que esse era o caminho a seguir.

As oportunidades que se abriram para você, e para muitos brasileiros, resulta, em grande medida, de ações governamentais muito concretas, como é o caso da criação do REUNI, o Programa de Reestruturação e Expansão das universidades federais – que permitiu a construção de universidades no interior dos estados –, e de mecanismos como o SISU, o Sistema de Seleção Unificada, entre outros elementos das políticas sociais na área da educação. Como você articula esse cenário de oportunidades com essa questão da fé?

O fato de as universidades públicas do interior existirem não significa que eu estaria nelas. Assim... Ok, eu só estou nelas porque elas foram criadas, mas eu não precisaria estar na universidade pública e gratuita para ser uma profissional do Direito, por exemplo. Como mencionei aqui, eu cheguei a passar em duas faculdades particulares com bolsa de 100%, e simplesmente não quis ir. Eram boas faculdades, também eram em outra cidade, mas eu não sentia que devia estar lá. Preferi esperar outra oportunidade. Quando passei em Ouro Preto, era tudo mais difícil. Eu ainda podia decidir ir para uma dessas duas faculdades particulares, seria muito mais fácil. Era mais perto, eu conhecia pessoas, também não tinha que pagar. Mas alguma coisa me dizia que Deus precisava de mim aqui, e não lá. Eu não sei explicar isso, nem quero. Tem coisas que não tem explicação, você só sabe porque viveu, sentiu... Se os sentimentos fossem possíveis de se descrever ou de se explicar, não seríamos diferentes de todas as máquinas que criamos. Seríamos apenas programados, teríamos uma resposta exata e racional para tudo.

# *A Maior Experiência de Fé*



“Sobrevivi à maior dor da minha vida e à maior entrega a Deus que eu já possa ter feito.”

Viviane Costa

# *A Maior Experiência de Fé*

Entrevista com Viviane de Souza Costa



Viviane de Souza Costa nasceu em Ouro Preto. Empreendedora, formada em Publicidade e Propaganda, é uma mulher realizada em sua vida profissional. No verão do ano de 2021, ainda em janeiro, logo depois de se casar com Bruno Pio na Igreja Nossa Senhora do Pilar, partiu com o marido para a cidade de Ubá, na região mineira da Zona da Mata. A partir daí, percebeu que muitas seriam as mudanças na sua vida: casa nova, cidade nova e tarefas domésticas que precisariam ser articuladas com sua vida de publicitária. Além disso, precisou lidar também com o desafio de estar longe dos seus familiares.

Dois meses depois, contudo, foi surpreendida com a maior mudança de todas: um novo integrante para a família recém formada. Viviane estava grávida da Ana Maria. E a vida exigiu força, perseverança e coragem.

## Como você contaria sua história de fé?

Minha história de fé começou na minha lua de mel. Eu e o Bruno tínhamos acabado de nos casar e ainda estávamos nos adaptando à cidade nova, à casa nova, minhas novas obrigações. No segundo mês de casados, descobri que estava grávida. A descoberta da gestação foi uma emoção especial porque nossos valores como casal cristão sempre nos levaram a contemplar os filhos com alegria – a alegria de sermos participantes da graça de Deus de gerar a vida. Toda a família e os amigos já sabiam que nós não tínhamos impedimentos para ter filhos. Tudo correu bem – como devia ser – durante os nove meses de gestação, mesmo com aquela ansiedade e com as incertezas que envolvem a chegada do primeiro filho. Logo no quarto mês, descobrimos que teríamos uma menina. Tudo estava pronto para a chegada dela: o quarto, o enxoval, os padrinhos já haviam sido convidados. Só esperávamos, então, o grande dia da chegada da Ana Maria. Já nos preparando para aquele momento, fomos a mais uma consulta de rotina para programarmos como seria o parto. Chegando lá, depois de conversar bastante com a médica, fomos para o exame clínico, em que ela me avalia e avalia o bebê. No momento da avaliação do bebê a médica usa um aparelho para escutar o coraçãozinho dela. Só que, no momento em que ela colocou o aparelho na minha barriga e procurou pelos batimentos, houve um silêncio. Um silêncio que parecia mais um abismo que uma escuridão. A médica me fez algumas perguntas e, mais uma vez, insistiu em procurar pelo som que mais esperávamos. Como não ouviu nada, ela disse: “Viviane, vamos para o hospital e vamos fazer uma ultrassonografia.” Saímos depressa para o hospital. Ela cancelou toda a agenda dela naquele dia e rapidamente nos encontrou lá. Entre as salas por onde passamos, e muitos papéis preenchidos, aguardamos alguns minutos. Então fomos para a sala de ultrassom. Durante todo esse tempo, eu e o Bruno rezamos, pedimos a Deus para que aquilo não estivesse acontecendo. O Bruno rezava em voz alta, clamando a Deus por um milagre, mesmo diante da falta de respostas. Na sala de ultrassom, descobrimos que nossa filha já estava em óbito. A alma da pequena Ana Maria já estava junto a Deus, mas seu corpinho ainda fazia parte do meu corpo. Quanta tristeza, quanto choro! Choro enquanto conto. Impossível não me lembrar do quanto a queríamos junto de nós em presença física. Enfim...Após todo o procedimento cirúrgico,

meu marido cuidou do processo de sepultamento. Ele foi um homem forte e eu o admirei ainda mais naquele tempo. Voltei para casa. Todo o contexto, todo o cenário, todo o cheiro, meu corpo – tudo tinha marcas da espera de alguém que não se concretizou aqui na Terra. Mas tenho certeza de que essa tristeza nunca se “comparou com a Glória que nos espera nos céus”<sup>1</sup> e, agora, tenho ainda mais motivos para lutar pela minha santidade: subir à Graça de Deus e encontrar minha filha. Os meses que se seguiram foram a maior experiência de fé da minha vida. Certezas ditas a mim como “Deus não erra”, “o que importa é a vontade de Deus”, “se tu queres, eu quero Senhor” foram o que me permitiram resistir a tanta dor. É indescritível a sensação de silêncio, de solidão, de dor, de tristeza...

**Nesse momento tão doloroso de sua vida, como você reuniu forças para prosseguir?**

Nesse tempo eu percebia Deus em cada cuidado recebido. Cestas de café, buquê de rosas, mensagens, visitas... Tudo tinha Deus. Sempre houve em mim a certeza de que ele não me abandonaria. E eu sempre confiei que os planos dele são melhores que os meus, mesmo que me custasse a alegria de ter minha filha junto a mim. E foi assim que sobrevivi. Posso dizer assim: sobrevivi à maior dor da minha vida e à maior entrega a Deus que eu já possa ter feito. Gosto de dizer que, quando casamos, não sabemos o que nos espera. E não mesmo. Depois de muitos exames, especialistas e investigações, o diagnóstico foi SAF<sup>2</sup>, um tipo de trombofilia, o que indicaria um tratamento delicado durante uma nova futura gestação, mas que não apresentava tanto risco para mim.

**O que veio depois desse período?**

Passamos quatro meses ainda sofrendo a angústia de não saber como seria a nossa vida desde então, vivendo um dia de cada vez, sobrevivendo a essa

---

1 Romanos capítulo 8, versículo 18.

2 Síndrome do Anticorpo Antifosfolípideo (SAF). Trata-se de uma doença autoimune, que aumenta o risco de trombozes arteriais, venosas e de eventos adversos na gestação. É considerada uma trombofilia adquirida, segundo a Sociedade Brasileira de Reumatologia.

grande dor. Então, em fevereiro de 2022, para a surpresa de todos, descobrimos uma nova gestação. Mais uma vez, Deus nos fez cooperadores dele no dom de gerar uma vida. Quanta alegria. E, como se não bastasse, descobrimos, na oitava semana da gestação, que era uma gravidez de gêmeos. Temos dois bebês sendo gestados em meu ventre. Que alegria! A palavra de Deus vai dizer que a “glória da segunda casa será maior que a da primeira”<sup>1</sup>. E assim continua a nossa história de fé. Um dia de cada vez, vivendo o cuidado e as surpresas de Deus.

### **Quem a influenciou nesse caminho de fé?**

Minha mãe sempre foi muito religiosa e, assim, eu e meus irmãos seguíamos sempre com ela.

### **Houve algum momento em que você pensou que não ia dar conta?**

Sim, houve. Eu pensei que seria uma dor insuportável de carregar, não sabia explicar o porquê dessa permissão de Deus [para a morte da filha], de uma forma tão cruel. Mas só Deus é bom e unicamente bom. Nada ele permitirá se não for para tirar algo bom.

### **O que você fazia quando se sentia sem esperanças ou desamparada?**

Durante meus momentos de maior tristeza, principalmente à noite, meu marido rezava por mim, cantava e me instruiu a rezar também. A presença da minha mãe e os cuidados dela nos primeiros dias foi um amparo essencial para que eu sobrevivesse a esse momento.

### **Para você, sua fé é uma escolha ou é algo com o qual todo ser humano nasce?**

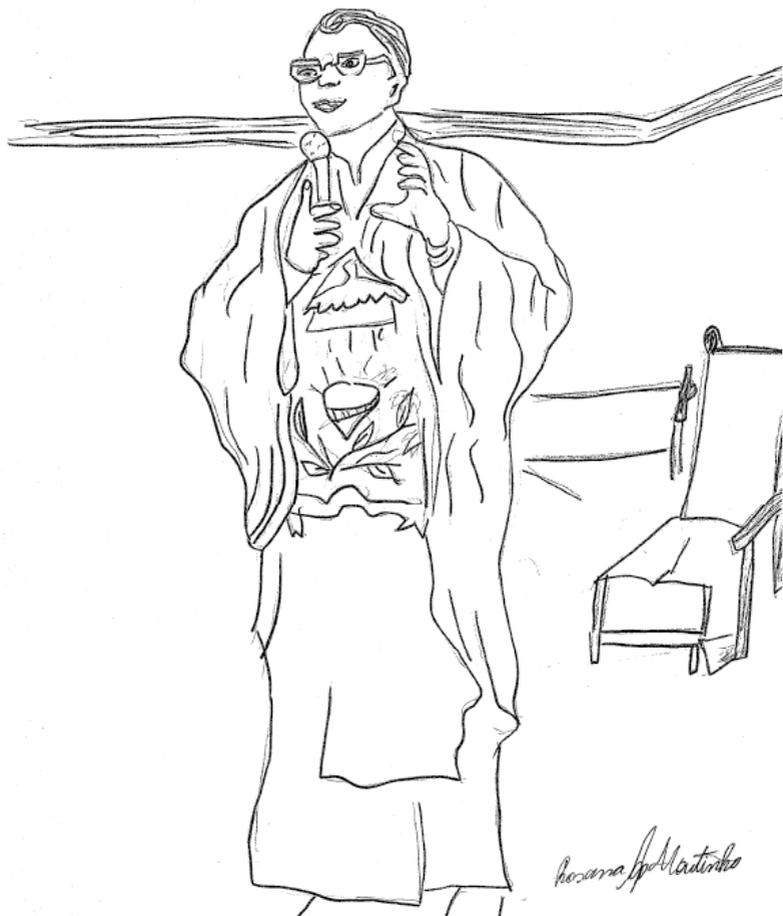
A fé é um dom de Deus. Algo divino que o próprio Deus nos dá. Todos temos fé em alguma coisa, mas crer no Deus verdadeiro é uma graça que precisa primeiro de conhecimento e depois de alimentação: quanto mais você a alimenta, mais você tem. Como uma fogueira. Você precisa

---

1 Ageu capítulo 2, versículo 9

alimentá-la para que ela permaneça acesa. A fé em Deus não é uma fé vazia. A Igreja Católica ensina que a fé precisa ser nítida com obras de caridade, prática das virtudes e ainda com a comunhão com o corpo e sangue de Cristo. Isso é o mais admirável pra mim. A igreja católica nos ensina que a fé é exercitada.

# O Chamado



“Com a oração tudo volta às claras e nos mostra o caminho certo.” Magno Murta

# O Chamado

## Entrevista com Padre Magno José Raimundo Murta

*Magno José Raimundo Murta, brasileiro, nasceu na cidade histórica de Mariana, Minas Gerais. Por causa do golpe civil-militar de 1964, seus pais, Hermes Murta e Alaíde de Jesus Murta, foram obrigados a mudar-se no ano de 1966, como toda a família, para a cidade de Barbacena, na Serra da Mantiqueira, a 169 km da capital Belo Horizonte. Quatorze anos depois, Magno voltou à sua cidade natal e foi morar com seus padrinhos. A intenção era estudar e concluir o ensino fundamental. Mais tarde, deixou a casa onde morava e ingressou no Seminário Religioso dos Franciscanos, no Rio de Janeiro (RJ), onde concluiu o ensino médio. Contudo, não permaneceu neste ambiente e retornou para Minas no ano de 1985. Em 1988, ingressou em outro Seminário, o dos Salesianos, em Belo Horizonte (MG), mas também não permaneceu, retornando mais uma vez para a cidade de Mariana.*

*Apesar de tantas idas e vindas, seus pais sempre estiveram ao seu lado. Incentivado pela família, persistiu na caminhada vocacional que o levou a ingressar, desta vez, no Seminário de Mariana, onde foi ordenado padre. Lá concluiu o curso de Teologia e, hoje, é sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana. Coursou Filosofia no Ista, o Instituto Santo Tomás de Aquino, e Psicologia na PUC Minas, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Atualmente, está na Paróquia de Cristo Rei, em Ouro Preto. Atua na área de psicologia em uma casa de recuperação para dependentes químicos e também é vigário forâneo. <sup>1</sup>Ao longo de toda a vida, foram muitos os desafios enfrentados durante momentos que deixaram marcas em sua trajetória. Mas Magno José continuou seu caminho, sempre perseverante.*

---

<sup>1</sup> Vigário forâneo é o sacerdote nomeado pelo bispo diocesano para estar à frente de uma vigararia por um certo prazo. Tem, como atribuições, promover e coordenar as atividades pastorais cotidianas, acompanhar os clérigos na sua vida e no exercício de suas funções, zelar pela boa condução das liturgias e pela correta administração dos bens eclesiais (nota da autora).



**Você tem alguma história de fé que poderia compartilhar comigo?**

Aos 14 anos, depois de ter passado a infância na cidade de Barbacena, retornei para Mariana para terminar o curso fundamental e, neste período, morei com meus padrinhos. Saí da casa deles para o Seminário Religioso dos Franciscanos e, depois de dois anos de estudo no Ensino Médio, deixei esse seminário. Entrei novamente no Seminário dos Salesianos, de onde fui mandado embora. Finalmente, um tempo depois, entrei no Seminário de Mariana, onde cheguei a ser Ordenado Padre pelas mãos de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Minha família sempre teve muita fé. Foram meus pais quem me incentivaram na minha vocação. Em todos os momentos eu experimento a fé, o tempo todo. Em coisas simples e grandiosas também: nas pessoas do convívio e nas pessoas que aparecem de repente – tudo é obra de Deus nos mostrando algo. Neste sentido, tudo

faz parte da vida. Levo a vida com muita seriedade, mas também com muita alegria no coração. Dúvidas aparecem sempre. Questionamentos também, mas tudo passa. Não podemos pensar em um seguimento de Jesus sem que apareça alguma coisinha natural. Mas com a oração, tudo volta às claras e nos mostra o caminho certo.

**Você disse que foi “mandado embora” do seminário dos Salesianos. Por que?**

Simplemente assim, o diretor do Seminário dos Salesianos dispensou um grupo de onze candidatos para serem padres.

**Você diz que seus pais o incentivaram na caminhada de fé e na vocação. Como foi isso?**

Encaminhado por meus pais, senti cada vez mais o amor de Deus sendo realizado no que faço. Eles nunca nos obrigaram, a mim ou aos meus irmãos, a irmos à igreja, por exemplo. Mas indicaram um caminho, o caminho da salvação. A história vocacional nasce na família de fé. Por ser um berço, tem uma importância muito grande para nós. Hoje não consigo me ver fora do que sou. E vamos moldando a nossa vida entre erros, acertos, dúvidas e realizações. Os momentos de fraqueza e de inspiração também são comuns para os que desejam fazer a vontade de Deus.

**Em que momento da vida você percebeu essa vocação?**

Sempre tive minha vida de fé religiosa. Meus pais me conduziram ao catecismo, em Barbacena, onde fiz a primeira comunhão. Depois fui para Mariana estudar e continuei participando da missa. Vivendo as situações de fé, sempre rezei, sempre me coloquei na presença de Deus. Um dia um frei foi à escola onde eu estudava e falou sobre a vocação. A partir daquele momento comecei a pensar e, então, decidi participar de um encontro vocacional chamado Roga (Retiro de opção de vida). Esse retiro durou quatro dias e, depois disso, fui aprovado para entrar no seminário. Entrei e, ali, prossegui por dois anos. Mas aí resolvi sair. Depois de terminado o segundo grau do Ensino Médio, voltei ao seminário dos religiosos.

E depois continuei nesse caminho.

### **Por que você saiu do Seminário dos Franciscanos?**

Porque era jovem e pensava que, se fosse um chamado de Deus, iria acontecer novamente, como aconteceu.

**Você disse que mudou com sua família para Barbacena por causa do cenário político, com a entrada dos militares no poder. Mas o que houve? Seu pai foi perseguido? Ou foi por questão de trabalho mesmo?**

Depois de 1964, foram fechadas muitas fábricas e muitas pessoas perderam o emprego. Por esse motivo meu pai se viu obrigado a ir trabalhar em outra cidade para cuidar dos filhos.

### **Você obteve amparo de algum amigo ou amiga nessa trajetória?**

Sempre temos amigos que nos amparam. Digo no plural porque tenho dois. Esses realmente foram pessoas que souberam e sabem me corrigir quando eu erro. E assim o faço com eles. Por esse motivo, quando eles aplaudem, sei que não se trata de um elogio falso. A fé nos leva sempre ao caminho de Deus. Hoje olho para a minha vida e vejo que somente pela fé eu poderia chegar onde cheguei. Esse garoto que chegou a ter que parar de estudar, que tirou o quarto ano de grupo (era assim que se falava naquela época), conseguiu concluir três graduações. Só mesmo com muita oração. Uma pessoa muito responsável por isso é minha mãe, que batalhou muito e orou muito. Não sabia que eu seria padre, mas ficou muito feliz pelo fato de eu ter chegado à ordenação e, depois, por ter investido nos outros estudos

# *Surpresa de Deus*



**“Eu sou uma surpresa de Deus. Assim tem sido ao longo de toda a minha vida até agora.” André Sabino**

# *Surpresa de Deus*

Entrevista com Padre André Sabino



*Proveniente de um povo de origem negra, marcado por um passado rude, de lutas, conflitos, dificuldades, resistências e conquistas, André Sabino nasceu em 18 de novembro de 1989, no distrito de Lavras Novas, a 17 km de Ouro Preto (MG) – lugar onde passou sua infância e adolescência. A cidade deixou marcas no coração do jovem. Recordar o passado é voltar no tempo e, para ele, é acessar os retratos do período colonial, com as histórias, com o folclore e com as lendas originalmente compartilhadas entre os quilombos negros, os brancos refugiados e as milícias. É saber, ainda, que os laços não foram rompidos e resistem ao tempo.*

*O passar dos anos não apagou as recordações que André carrega em seu peito e, principalmente, em sua memória. Com emoção, relembra que, já formado em Mecânica Industrial, aos 21 anos, deixou casa, familiares, amigos, o distrito em que morava para dar início a sua vida vocacional. Em 2011, ingressou no seminário Don Carlo Sterpi, no bairro Pampulha, Belo Horizonte (MG), onde começou seus estudos voltados para a vida sacerdotal. Hoje, diplomado em Teologia e mes-trando em Dogmática, em Roma, o jovem André segue sua jornada de fé. Também recorda dos pais que conduziram seus primeiros passos na iniciação cristã: Pedro Sabino e Vicentina Fernandes Sabino, os primeiros protagonistas da educação religiosa do padre. Da mesma forma, foram eles os responsáveis por ensiná-lo os valores virtuosos da vida – com a ajuda dos tios, avós e amigos que também lhe permitiram aprofundar seus conhecimentos da doutrina católica.*

## **Quando foi que você percebeu sua vocação sacerdotal?**

A minha vocação é fruto de uma escuta diária da palavra de Deus. Por isso é difícil apontar um momento decisivo. Ao longo do caminho fui percebendo o chamado para a vida religiosa. Lembro-me que, todas as quintas-feiras, participava da Adoração ao Santíssimo, prática voltada para uma participação mais ativa dos fiéis. Estava sempre presente às missas para escutar a palavra de Deus e receber Jesus na Eucaristia. Também fui catequista e atuava no coral da comunidade de Lavras Novas. Hoje sou consciente que a minha vocação é fruto de um modo cotidiano de viver a fé. Por isso a vivo de modo sereno.

## **Você tem alguma história de fé que poderia compartilhar comigo?**

A história de fé que eu gostaria de contar remonta ao período antes do meu nascimento. Minha mãe dizia que o meu nascimento havia sido marcado por complicações no período da gestação. Até o sétimo mês ela acreditava que estava esperando uma criança. Sua barriga começou a inchar muito, até o momento que tomou a decisão de procurar o médico que a acompanhava, para saber o que estava acontecendo. Olhando para a situação, o médico disse que era uma infecção na região da barriga e receitou um remédio para curar essa infecção. No oitavo mês, minha mãe voltou ao médico para uma revisão. Para a sua grande surpresa, soube que não carregava apenas uma criança no ventre, mas duas: uma menina e um menino, Andreia e André. Enquanto minha mãe contava essa história, refleti sobre a minha vida: eu sou uma surpresa de Deus. Assim tem sido ao longo de toda a minha vida, até agora. Entrar no seminário foi outra grande surpresa de Deus em minha vida, pelo fato de eu não ter tido uma experiência ativa na igreja desde pequeno. Nem mesmo pensava em ser sacerdote. Normalmente, quando uma pessoa entra no seminário, ela tem uma história de piedade, de experiência ativa na igreja – como, por exemplo, ser coroinha do padre... ou sacristão etc. Muitas vocações nascem dessa experiência. Olhando para a minha história de fé, essa que eu conto aqui, me faz refletir: da mesma forma que eu estava sendo gerado de forma oculta no ventre de minha mãe, assim foi também com a minha vocação. De fato, apenas aos 21 anos de idade foi que senti o chamado de Deus na minha

vida. Era oculto aos olhos dos homens, mas não aos olhos de Deus. Amém!

### **Por que teria sido “oculto aos olhos dos homens”?**

Eu era uma pessoa que não tinha muito futuro. Lembro que, no tempo dos estudos do ensino fundamental, os professores, diversas vezes, conversavam com meus pais sobre o meu lento desenvolvimento na escola. E eu também não me comportava bem.

### **E, nesse contexto, qual foi momento em que você mais experimentou a fé?**

Durante o percurso vocacional, todos os candidatos que aspiram ao sacerdócio são chamados a dar passos importantes. Olhando para os passos dados até aqui, digo que experimentei maior fé nos momentos mais decisivos da caminhada, que foram quando eu disse sim: *sim* para entrar no seminário (isto é, deixar casa, família, trabalho etc), *sim* para entrar como postulante, *sim* para a primeira profissão religiosa, *sim* pela profissão perpétua, *sim* pelo diaconato, *sim* pelo sacerdote, *sim* pela missão. O *sim* exprime a adesão ao projeto de Deus, isto é, assumir o projetista por excelência, ao invés de seguir o *meu* projeto.

### **Houve algum momento em que você perdeu a confiança? Se sim, como atravessou este momento?**

No início da minha caminhada vocacional, foi bem difícil acreditar na minha vocação. Eu sempre colocava Deus à prova, dizendo coisa como: “se ele realmente me chama, que pudesse me dizer claramente”. Por esse motivo, eu tive muita dificuldade para interpretar. O texto da anunciação do anjo Gabriel à Maria foi um recurso que utilizei em minhas orações. Pedia ao Senhor que pudesse me falar como falou o anjo à Maria. Mas, com todas essas dúvidas, permanecia o silêncio. Penso que o verdadeiro discernimento é olhar as duas partes [as situações possíveis] e dizer “sim” àquela que Deus nos convida seguir. Sou feliz por ter escolhido a melhor parte. Para mim, seguir Jesus mais de perto é ser um daqueles que Ele chamou a seguir.

**E houve algum momento muito difícil? Um momento em que você pensou que não daria conta?**

Houve, sim, vários momentos – e sou grato a Deus por eles, porque me ajudaram a amadurecer na minha fé, me ajudaram a confiar mais no Senhor. Não é fácil abandonar, deixar-se conduzir inteiramente. Por muitas vezes queremos sempre uma porção do “Eu”. Os momentos difíceis me ensinaram o quanto é importante a oração dos amigos de confiança. E de chorar perante alguém.

**Então você teve o amparo de pessoas amigas nesse percurso?**

É impossível seguir a caminhada vocacional sem amparo. Tenho amigos e amigas que me ajudam no caminho: padres, irmãs, leigos, psicólogos, diretores espirituais. Eu os levo sempre no meu coração, são “cireneus”<sup>1</sup> na minha vida.

**Em relação à história de fé que você relata aqui, houve algum momento mais desafiador?**

Para mim, o momento mais desafiador se deu no ano de 2011. Como mencionei aqui, minha vocação é fruto de uma escuta diária da palavra de Deus. Mas dentro de mim eu não encontrava coragem para entrar no seminário, não sabia lidar com todos os sentimentos. Então coloquei uma condição para Deus: se ele queria minha entrada no seminário, que viesse a mim. E assim foi. No ano de 2011, enquanto trabalhava na Oficina Mecânica São Judas Tadeu, em Ouro Preto, como torneiro mecânico, duas pessoas me ofereceram um convite para entrar no seminário. Naquele momento, confesso que ainda tive medo, dúvidas, anseios etc. Hoje confesso que sou feliz por ter feito essa escolha.

---

1 Referência a Simão cireneu, o homem que carregou a cruz de Jesus para ajudá-lo no percurso trilhado até o Gólgota. O termo “cineu” não constitui um sobrenome, mas, sim, uma indicação de seu lugar de origem, a cidade de Cirene (nota da autora).

**Quem foram essas duas pessoas que lhe fizeram esse convite? E como isso aconteceu?**

Foram Dona Ana Pimenta e o Padre Geraldo Magela. Os dois faziam parte da promoção vocacional em Ouro Preto. Dona Ana Pimenta, que tem uma ligação forte com os orionitas (integrantes da Congregação Religiosa Católica fundada por São Luís Orione), foi a intermediária. O processo para entrar no seminário parte justamente desse desejo do candidato em seguir o Senhor mais de perto. Fiz uma semana de experiência vocacional na Arquidiocese de Mariana (MG) e, na semana seguinte, participei de mais um encontro vocacional, desta vez no Seminário Padre Patarello, em Belo Horizonte (MG). Uma semana depois, recebi a resposta – da Congregação de Dom Orione e da Arquidiocese de Mariana – sobre a minha “provação” para entrar no seminário. Tive que escolher em qual dos seminários estudaria e, tendo conhecido um pouco a história de Dom Orione – o seu espírito missionário, sua vida simples, seu coração confine [limitado] –, optei por essa e entrei para a vida religiosa.

# *A Radicalidade Evangélica*



**“Viver a radicalidade evangélica é viver aquilo que meu coração fala, segundo a Sagrada Escritura que é a Igreja.”**

**Inocência Coeine**

# *A Radicalidade Evangélica*

Entrevista com Inocêncio Francisco Coeine



*Inocêncio Francisco Coeine é licenciado em Filosofia e caminha, agora, para a conclusão do primeiro ciclo de Teologia. Encontrou-se com o catolicismo em 2006 e hoje é um dos religiosos da congregação Pequena Obra da Divina Providência (os padres Orionitas), em Roma, onde se prepara para receber a consagração ao sacerdócio. Mas o caminho de Inocêncio foi longo. Moçambicano, nasceu na cidade de Beira, segunda capital da província de Sofala, na região central do país. Cresceu numa família dividida entre membros da igreja evangélica, protestante e praticantes das RTA, as religiões tradicionais africanas. Com a família, chegou a participar também da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e da embaixada de Cristo em Moçambique. São muitos os relatos de fé.*

## **Que história de fé você começaria compartilhando comigo?**

Em julho de 2015, estava de férias em casa dos meus pais em Moçambique. Era uma manhã de domingo e eu regressava da missa juntamente com os irmãos da minha comunidade eclesial de base, chamada Santo Estevão, uma das circunscrições da minha paróquia, São José. Fomos fazer oração para uma pessoa gravemente doente, que tinha menos de 50 anos de idade. Eu dirigia a oração a pedido da sua família. A doente estava muito mal, sofria de hipotensão arterial e naqueles dias estava muito agressiva, não conseguia se sentar. Fiquei assustado com a situação dela, principalmente porque era a mãe de um amigo de infância. Fizemos a oração enquanto ela estava deitada na sala de sua casa e, depois, voltei para casa. No final daquele mesmo dia, meu pai me comunicou da melhora da doente. Fiquei emocionado e reconfortado.

## **O fato de a melhora ter ocorrido depois da sua oração é que transforma esse episódio na sua história de fé? Ou há outras razões?**

Primeira coisa: porque se tratava de uma família que, digamos, não frequentava a igreja. Nem a senhora nem o filho – só o marido frequentava. E foi brincando com o filho dela – que é meu amigo de infância – que experimentamos muitas aventuras, as piores que se pode imaginar como adolescente. Ao mesmo tempo eu dizia para ele: “tenho que dar catequese e ir à missa”. Então eu brincava até um certo momento, mas depois saía. Levei-o, então, para a catequese. Lá ele ficou assim, com a mão no rosto, sentado, escutando. Naquele dia, ele foi comigo à catequese e depois fomos para uma festa. Depois ele retornou ao encontro por duas, três vezes. E então pediu para fazer a catequese, para começar o caminho de fé. A doente para quem fizemos a oração é a mãe deste amigo – que fez o caminho da fé e, depois, foi batizado e crismado. Dois ou três anos depois que a mãe dele adoeceu foi que me chamaram para fazer essa oração. Então, eu leio tudo isso como uma história de salvação da família. Coloco tudo isso junto, nessa perspectiva que Deus é quem fez esse caminho na história dessa família. Por isso é uma história de fé, ou seja, um pouco por causa dessas situações juntas.

## **Qual era o estado de saúde dessa senhora?**

Não me recordo bem se era um problema com o coração, ou se estava relacionado à pressão baixa, mas eu sei que ela não respirava direito. Estava perdendo essa capacidade. Não conseguia se sentar, não conseguia ficar deitada, fiquei assustado. Isso também me faz sofrer. Muitas vezes não demonstro aquilo que sinto e pareço um sujeito de ferro – daí algumas pessoas já terem me chamado de “coração de pedra”. Eu tento me manter sereno, mas por dentro estou a tremer. Fui com imposição das mãos, invocando o Espírito do Senhor, e fizemos a oração naquele dia. Eram 11h12. À tarde, o marido ligou para o meu pai agradecendo muito, dizendo que a mulher havia ficado em pé, que havia voltado a caminhar, a sentar, a comer, a fazer suas atividades normais. Meu pai me comunicou e, para mim, foi, ao mesmo tempo, uma consolação e um desafio. Consolação porque o Senhor escutou aquela oração, feita naquele dia. Desafio porque, se é assim, então devo buscar corresponder ainda mais aquilo que o Senhor quer de mim, devo corresponder ao chamado de Deus em minha vida. Isso foi em 2015, mas, mesmo antes disso, já houve muitas outras ocasiões em que fomos fazer orações devido a situações delicadas pelas quais algumas pessoas estavam passando. Foram várias. Então, para mim, foi isso: muita oração para os doentes. Era um momento de encontro e, ao mesmo tempo, pude experimentar a bondade de Deus na vida daquelas pessoas e na minha própria vida. Tinha essas duas margens, tinha duas faces de compreensão.

## **Nessa época você já fazia parte da Igreja Católica?**

Eu já era católico. Como disse antes, tive uma adolescência intensa e hoje percebo melhor isso. Não foi uma adolescência igual a de outros meninos. Por exemplo: me recordo que o primeiro funeral de que eu participei foi o da mãe da minha amiga. O segundo funeral eu mesmo dirigi e tinha 14 anos. Uma coisa estranha aconteceu: as pessoas ali, diante de mim, toda aquela comunidade, aquela criança no meio daquela multidão de pessoas... Introduzi a cerimônia, tremendo por dentro, mas, por fora, sereno. Foi uma experiência de fé porque, no primeiro funeral, eu não podia deixar minha amiga sozinha – que havia perdido a mãe, mas que, antes mesmo

daquilo, já havia perdido também o pai. Naquela ocasião, éramos da mesma idade e eu ainda não tinha ido a nenhum funeral. E então fui. Mas a verdade é que eu tinha muito medo da morte e da pessoa morta – e tive que enfrentar esse medo por causa da minha amiga. Porque uma das coisas sagradas, para mim, é a amizade. A amizade, na minha visão, é algo sacrosanto. Valorizo, priorizo tudo aquilo que possui alguma relação com a amizade. Uma semana depois daquele dia, houve outro falecimento, desta vez em minha comunidade. Como o padre não estava disponível – e a gente tinha somente um pároco para uma paróquia com 14 capelas –, eu tive que conduzir o funeral. Cada capela tinha animadores, que são pessoas encarregadas de ajudar nesse tipo de tarefa, tanto no caso dos funerais quanto para ajudar os doentes. Mas naquele dia nem um nem outro estavam presentes. Todos estavam em outros trabalhos. E era preciso fazer o funeral.

### **E por que você vê esses funerais como momentos de fé?**

Nesse dia que relato aqui não sei o que aconteceu. Foi uma coisa de Deus, acho que posso assim dizer. Eu estava na escola naquele dia e me recordo muito bem da seguinte cena: cheguei em casa – eram duas ou três horas da tarde – e ainda estava sentado, tirando os sapatos, quando chegaram aquelas senhoras legionárias e me disseram: “Inocência, desculpa. Sabemos que você é novo, mas temos certeza que você pode. Tem um funeral urgente por fazer, mas o padre, o animador, o responsável da liturgia e da esperança não estão disponíveis. Pedimos sua ajuda para conduzir a cerimônia”. Eu respondi: “Primeiro, sou criança, tenho 14 anos. Segundo, fui somente a um funeral na vida e nem sei como se faz essa cerimônia, como se enterra o morto. Terceiro, não tenho nenhum livro [de orações].” Fiquei inseguro porque era preciso ter em mãos o material necessário para aquelas ocasiões: a água benta, o livro das orações e tudo o mais. Além disso, estávamos em cima da hora, porque a família já estava à espera. Pensei em como faríamos diante daquela situação. Então eu disse: “Eu preciso de um amigo para ir comigo. Pelo menos com ele me sinto mais seguro”. E elas disseram que “ok”, que eu fosse buscar o meu amigo, que elas ficariam à espera. Quando eu e meu amigo chegamos, fizemos o velório. E uma coisa curiosa aconteceu naquele dia. Como mencionei, não tínhamos nenhum livro de orações nas mãos, mas parece que Deus colocou todas aquelas fórmulas

em meu cérebro! Comecei o ritual e fiz todo o procedimento necessário no cemitério. Tudo isso sem nenhum livro nas mãos – e sem o medo. Terminada a cerimônia – eu me lembro –, um casal que eu não conhecia se apresentou e perguntou como eu me chamava. Notaram que eu vestia um uniforme. “Você saiu da escola há pouco?” Respondi que sim. “E você já tinha feito algum funeral?” Expliquei que nunca havia feito aquilo antes, que era a primeira vez. “Mas como você fez? Onde você aprendeu aquelas orações todas?” E eu disse: “Também não sei. Não vou saber explicar, porque não li nada, nunca vi um livro de orações fúnebres, nunca tive contato com essas coisas”. Lembro daquele casal e do que ambos disseram: “Então procure estar atento, porque Deus quer alguma coisa de ti.”

**Mas você fazia parte de outra doutrina. Como foi que você chegou ao catolicismo?**

Sim, eu participava da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, e da Embaixada de Cristo, em Moçambique. Em relação à igreja Católica, houve um primeiro encontro em 2002, quando eu era adolescente. E aquilo foi amadurecendo timidamente até que, depois, decidi assumir essa aproximação e dizer “ok, vou experimentar essa coisa de catequese e tudo mais, para ver no que vai dar”. O Sábado Santo<sup>1</sup> me causou um impacto e fiquei ruminando aquilo. A partir daí, comecei a me envolver definitivamente com a catequese.

**Como foi esse início do seu envolvimento com a doutrina católica?**

Primeiro, foi com o batizado. E amei a cerimônia. Ainda não tinha assistido a um batizado na Igreja Católica. É interessante você ver o batismo com aquela bacia. Dizer que aquela água transforma a vida daquela pessoa, que ela se torna a filha de Deus... Tudo aquilo: a veste branca para a cerimônia, todo aquele cenário, aquela liturgia intensa. Uma amiga e vizinha de casa, Antônia Alberto Nhama, que me levou nesta caminhada de fé, foi batizada na Páscoa daquele ano de 2002. Então a vivacidade daquela

---

<sup>1</sup> Sábado Santo, também conhecido como Sábado de Aleluia, se dá na véspera da Páscoa. É uma celebração religiosa que relembra a espera pela ressurreição de Cristo, após a sua crucificação no Calvário (a autora)

liturgia foi uma coisa dos anjos. Eu disse: também vou. E assim fui. Comecei tudo isso a partir de uma curiosidade, para saber como tudo funcionava, e acabei entrando. Eu me lembro do primeiro dia em que fui à catequese, dia 6 de maio de 2002. Já no meio do ano, comecei a experiência do catecismo e, na Páscoa de 2006, eu fui batizado. Fui batizado com 14 anos. Não tem como não lembrar, foi no dia 15 de abril, na noite de Páscoa, durante a Celebração da Vigília Pascal. O processo foi assim: cresci nesse ambiente muito religioso – “polireligioso”, pode-se dizer. Pude conviver com amigos e familiares que tinham, cada um, uma religião diferente. Mesmo assim, tínhamos uma boa convivência religiosa. Não havia qualquer discriminação, e, sim, uma aceitação mútua. E, para mim, como dizia no início da minha fala, tive uma infância e adolescência intensas. Apesar de eu ser ainda muito jovem, tive uma vida muito intensa – seja religiosa, seja cultural, antropológicamente falando. Nascer em uma família com todas essas multiplicidades religiosas, crescer em uma cidade com suas multiplicidades religiosas, estar em uma igreja com alguns amigos católicos e outros mulçumanos... Eu tive que conviver com todos eles. Abracei a fé católica graças ao convite de uma amiga, em sua festa de batismo, como mencionei aqui. Ela recebeu o sacramento ainda adolescente e aquilo me estimulou a querer abraçar também aquela fé – uma fé que, para mim, era nova. Eu e minha mãe abraçamos isso juntos. Fizemos a catequese, fomos batizados – eu com 14 anos e minha mãe já com mais de 40 anos de idade. Com isso, houve também uma mudança de vida, porque a fé deu um novo impulso ao nosso viver – no meu viver e no da minha mãe. E mesmo no viver da minha família.

**Em que momento da vida você percebeu sua vocação? Como foi esse processo?**

Foi em 2006, mas, de maneira mais aprofundada, percebi no segundo semestre de 2008. Em 2006 fui batizado e, em 2007, eu já fazia a catequese em preparação para a Crisma. Mas me lembro de uma ocasião em que um amigo, já adulto, me pediu para substituí-lo no grupo da catequese. Ele precisava de ajuda porque tinha uma reunião e não havia quem o substituísse. Então, naquele sábado, substituí esse amigo nesse encontro, que acontecia na capela Santo Estevão. A capela era grande e, nos cantos

daquele espaço, havia dois, três grupos de catequese. Eu estava em um canto, claro, e preparei a catequese, apresentei para os jovens. Todos ficaram contentes. Alguns dos que escutaram as minhas intervenções me perguntaram se eu tinha formação de catequista. Eu dizia que não. Mas foi a partir do tema do chamado dos apóstolos que eu tive esse despertar de que o Senhor queria alguma coisa a mais comigo. Foi na catequese que a minha vocação nasceu, se podemos assim dizer. O primeiro despertar foi na catequese. E depois a coisa foi se concretizando com os encontros, com o retiro dos jovens, de adolescentes vinculados à diocese.

**Quando você conta que experimentou fé de forma mais forte junto aos doentes, está se referindo à fé dessas pessoas ou à sua própria fé na cura?**

A fé mútua: dos doentes, dos familiares dos doentes e a minha.

**Pensando na sua história de fé, qual foi o momento mais desafiador para você?**

Foi o momento marcado pela incompreensão dos meus familiares e amigos [em relação às escolhas de fé] devido à radicalidade evangélica que eu vivia. E também por causa da inveja dos mais velhos da comunidade, devido à minha audácia [ao seguir novos caminhos].

**O que seria essa “radicalidade evangélica”?**

Viver a radicalidade evangélica é viver aquilo que meu coração fala, segundo a Sagrada Escritura, que é a Igreja. Ela diz: “Sim, vamos”. E eu vou. Por isso me fiz orionita. Não teria ido a outra congregação, pois um dos pilares é “fidelidade ao Papa”, à Igreja. Para nós, viver a radicalidade evangélica é viver de acordo com o que Jesus ensina sobre aquilo que precisa ser feito. Obviamente, na condição de seres humanos, estamos sujeitos às falhas. Elas acontecem – e já me aconteceram tantas vezes. Então é preciso que eu me arrependa, peça perdão pelos males, procure o sacramento da reconciliação e restabeleça a relação com Deus. Então viver a radicalidade evangélica é fazer aquilo que Jesus quer. Ele quer que nós, os seus discípulos, possamos dar prioridade a ele, quer que nos amemos uns aos outros,

e, sobretudo, aos mais fracos. E que não calculemos o tempo ou o bem a ser feito, sempre em favor de quem precisa.

**Você teve amparo de algum amigo ou amiga nessa trajetória?**

Graças a Deus, junto com alguns jovens irmãos da minha comunidade, consegui formar um grupo: jovens em Busca da Mudança (JBM). Este foi o meu grande amparo e, obviamente, reflete minhas convicções cristãs.

**Houve algum momento em que você pensou que não ia dar conta dos desafios?**

Sim. Quando as críticas foram muito intensas. Quando isso acontecia, seguia o meu coração e as inspirações que recebia através de minha orações.

**E houve algum momento em que você ficou sem esperança?**

Durante a minha missão, quando me dedicava a meus estudos filosóficos em Burkina (país africano), a rigidez do clima e da temperatura foi um desafio. Perdi alguns quilos e a minha pressão arterial chegou a 60/40, a mínima. A superação se deu quando olhei para a resiliência da população daquele lugar, e também para a resiliência dos outros missionários, enquanto eu chorava e lamentava as minhas mazelas e dificuldades.

**Além dessa questão ligada ao clima, houve algum desafio relacionado aos compromissos que você abraçou nessa missão em Burkina?**

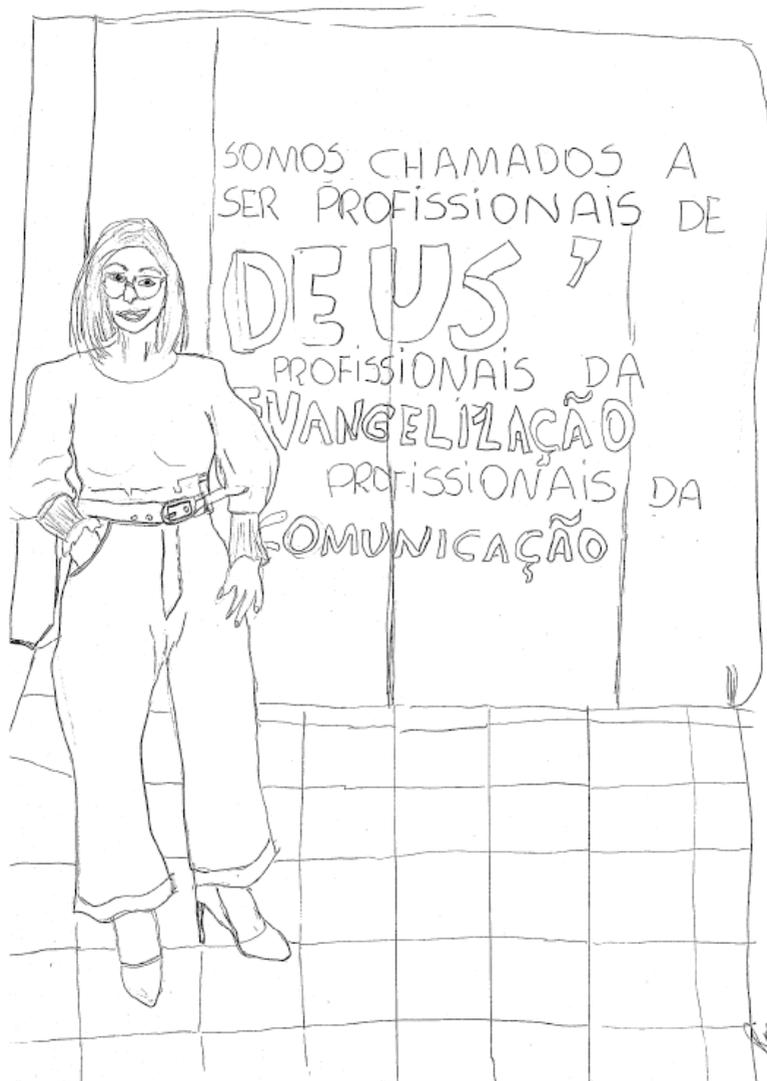
Burkina... Meus superiores me mandaram para Costa de Marfim, em 2013, para o noviciado. Depois desse noviciado, eu pensava que regressaria a Moçambique – mas eles me mandaram para Burkina, para estudar Filosofia. Filosofia é uma disciplina que, em si mesma, é difícil. E ter que estudar na língua dos outros era ainda mais desafiador. Mas como disse o apóstolo Pedro: “Você o diz e eu vou”. E fui. Só que aí começaram as dificuldades. Eu sabia que estudar filosofia numa língua que não é minha me

faria sofrer, mas não pensei que fosse tanto. Tudo era em francês, um idioma muito difícil e que exigia muito esforço, sobretudo na parte da escrita. É preciso compreender todo um sistema, e isso demanda uma habilidade que nós não temos. Algumas frases que, em português, são curtas, não são assim no idioma francês. Nessa outra língua as frases são longas... Há frase que forma quase um parágrafo. Então foi um grande desafio: trabalhar uma adaptação, e num calor – uma temperatura acima de 40 graus –, um clima desértico. Chove apenas uma vez por ano. E eu nunca havia estudado francês na minha vida, desde que sou estudante. Então eu não dava conta do recado... Tinha a recorrência nos exames, mas depois não dava certo e eu tinha que fazer mais outro. Me senti muito humilhado com essa coisa de repetir os exames. Eu sabia que era um bom estudante. Não era brilhante, mas era um bom aluno – e até ali eu não sabia o que era “repetir de classe”. Mas aí tive que aprender a repetir de classe e fazer o mesmo exame duas ou três vezes, porque às vezes não conseguia responder – ou respondia, mas aquilo não era satisfatório. Então, o clima, a língua, a adaptação... Era duro.

### **Como você superou a esse desafio?**

Confiança na Divina Providência, na bondade do povo cristão de Burkina, na resiliência de outros missionários, na resiliência dos nossos aspirantes e postulantes e na minha vocação missionária.

# Preparar as Pessoas para o Céu



“Tenho atravessado esse tempo de preparar os que amo para o céu com a ajuda de Deus e dos irmãos de dentro e fora da comunidade, pois a família Canção Nova é imensa e somos mesmo uma família.” Adriana Ferreira

# *Preparar as Pessoas para o Céu*

Entrevista com Adriana Ferreira da Silva



*Adriana Ferreira da Silva, mais conhecida como Adriana Pereira (seu nome de solteira) é licenciada em Educação Artística e Bacharel em Jornalismo pela Fatea, Faculdades Integradas Teresa D'Avila, em Lorena, São Paulo. É mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Desde 1995 é missionária da Comunidade Católica Canção Nova em Cachoeira Paulista e, atualmente, exerce as funções de gerente de jornalismo e apresentadora do telejornal da instituição religiosa. Natural da cidade de Lorena, passou a infância com sua família em Cachoeira Paulista, na região metropolitana do Vale do Paraíba, interior do estado de São Paulo. Adriana e seus irmãos, Mônica P. S. Ferreira e Cláudio André P. S. Ferreira, estudavam na mesma instituição de ensino em que seus pais, Joaquim Ferreira Neto e Marilene Pereira da Silva Ferreira, trabalhavam – Joaquim como professor de matemática e Marilene como inspetora. Sua mãe ainda reside na cidade e seu pai faleceu no dia 22 de abril de 2022.*

*Ainda criança, sempre que participava de celebrações com a mãe, que era muito religiosa, Adriana se sentia fascinada pelos ritos da igreja. Algo na prática da fé despertou seu coração de menina. Um dia, durante um retiro de oração, vivenciou o que, para ela, foi um “chamado”. A partir daí, descobriu o estilo de vida que almejava alcançar: uma vida fraterna.*

## **Como a fé entra na sua vida?**

Desde criança, sempre me senti chamada a participar das atividades da igreja próxima de minha casa – como anjinho em procissões e na coroação de Nossa Senhora. A igreja sempre me atraiu. Quando cresci, trabalhei muitos anos como catequista. Mas foi depois que entrei nos grupos de oração que vivi muitas experiências de fé. Vale lembrar que, desde a minha infância, eu tinha o desejo de partilhar a vida de forma comunitária.

## **Alguém conduziu você nessa caminhada de fé?**

Na adolescência, uma professora me convidou para participar do Grupo de Jovens da paróquia – e foi aí que participei do meu primeiro encontro de oração, que mudou para sempre o rumo da minha vida. Tive a oportunidade de fazer um segundo retiro de oração na Casa de Maria, em Queluz, que pertence à Comunidade Canção Nova. Foi na escadaria dessa casa que me senti chamada pela primeira vez a servir a Deus. E foi quando me deparei com a realidade de uma vida comunitária.

## **Você conta que teve uma experiência de fé no grupo de oração, em um retiro. Como foi isso?**

Fui convidada para esse retiro pela professora Rosangela Valério, que me motivou a entrar no grupo de oração. Esse retiro foi minha primeira experiência com o amor de Deus. Foi nesse primeiro retiro que percebi que Jesus é um Deus presente, próximo – e que se importa com a gente. Um Deus de amor. Antes eu conhecia um Deus histórico.

## **O que fez você perceber esse “Deus que se importa” com as pessoas?**

Durante os momentos de oração, percebi que eram revelados, através da ação do Espírito Santo, muitos dos meus traumas, medos e complexos, mas de uma forma carinhosa e, ao mesmo tempo, motivadora. Senti, espiritualmente, o toque de Deus me libertando de coisas que me marcaram no passado e me trazendo uma vida renovada. Foi nesse momento

que percebi que Deus nos conhece pessoalmente – e que nada escapa ao seu olhar amoroso.

### **E qual foi o momento em que você mais experimentou a fé?**

Foi na Comunidade Canção Nova que pude experimentar, de fato, uma vida de maior intimidade com Deus. Antes disso, eu desejava uma vida em conformidade com o Evangelho, mas, sozinha, não conseguia perseverar. Foi neste contexto que percebi que eu precisava de ajuda, precisava ter ao meu lado pessoas que partilhassem do mesmo ideal e que me ajudassem nessa caminhada de fé, em busca da santidade. No início eu relutei muito em deixar a “minha vida” e a minha família que eu tanto amo. Mas acabei aceitando o chamado de Deus e respondi a ele, entrando para a Comunidade Canção Nova em 1995. Durante toda a minha trajetória nessa comunidade, vivi diversos momentos de fé, a começar pela minha cura interior através das orações e atendimentos com Teresinha Ferreira, que é mais conhecida como Tefé. Era uma senhora que ministrava oração usando os dons do Espírito Santo e ia revelando aquilo que Deus ia curando em nosso interior. Lembro também de algumas experiências fortes de milagre em minha vida – e vou citar dois momentos aqui. O primeiro se deu quando eu era solteira e morava numa casa comunitária com mais 19 moças, em cachoeira Paulista – na Canção Nova. Certo dia, amanheci com muita dor abdominal. Como essa dor não melhorava, fui levada ao médico. Não foi identificado nada que justificasse aquela dor, então o médico pediu um exame – e eu deveria voltar no dia seguinte com o resultado. Ele também indicou um remédio mais forte para dor e, assim, voltei para a casa e fiquei em repouso. Minhas irmãs de casa não encontraram o remédio para comprar. Tentaram falar com o médico, para que outro medicamento fosse indicado, mas não tiveram êxito. Ao mesmo tempo em que aguardavam um retorno do médico, foram todos para uma reunião de formação – e eu fiquei em casa. Como a dor aumentou muito, resolvi, eu mesma, procurar o tal remédio. Talvez algum vizinho tivesse esse medicamento em casa. Fui, toda curvada de dor, e mal conseguia andar. Mesmo assim, saí para perguntar se alguém tinha o tal remédio. As casas estavam todas fechadas e vi apenas uma delas com a luz acesa. Era a casa em que moravam o Padre Jonas Abib, a Luzia e o esposo dela, Eto. Bati na porta e o Padre Jonas

atendeu. Ele estava sozinho em casa e, depois de ver meu estado de dor e escutar meu relato, tentou encontrar ali o remédio que eu buscava, mas não encontrou. Então olhou nos meus olhos e disse: “Minha filha, o remédio eu não tenho, mas o que eu tenho lhe dou: minha oração.” Ele colocou a mão em minha cabeça e em meu abdômen, e rezou, pedindo a Deus que me curasse. Senti um forte calor pelo corpo, principalmente na barriga. Ao terminar a oração, ele me disse: “Jesus te curou, minha filha. Pode ir.” Eu dei alguns passos bem devagar e não senti dor. Ergui o corpo, que estava encurvado, e não senti dor. Foi nesse momento que notei que, de fato, a dor havia passado totalmente. O padre Jonas insistiu comigo, dizendo: “Pule, minha filha, pule! Não tem mais dor!” Eu pulei várias vezes e nada mais doía. No dia seguinte fiz o exame e, ao retornar ao médico com o resultado, nada foi diagnosticado. A dor realmente havia passado. O médico, intrigado com a história que eu havia contado, me mandou de volta para casa apenas com algumas recomendações.

O segundo momento está relacionado ao final da gravidez do meu primeiro filho, há mais de 20 anos. Na última semana de gestação, tive um sonho muito real em que eu voltava para a casa após o parto de mãos vazias, porque meu filho havia morrido durante o nascimento. Acordei assustada e não consegui mais dormir. Fui para sala e comecei a rezar. Pedi à Nossa Senhora que aquilo não acontecesse comigo e que, assim como ela cuidou do próprio filho, carregando-o nos braços, que cuidasse também do meu filho. Pedi que ela me concedesse essa mesma graça. Durante todos os dias da gravidez, eu havia rezado a oração de Nossa Senhora do Bom Parto. Naquela semana, quando senti as contrações e fui levada para o centro cirúrgico, esperava um parto normal. O médico foi até a sala, me examinou e disse que esperaria mais um pouco. Repetiu esse procedimento algumas vezes, e sempre olhava para o seu relógio de pulso, dizendo que esperaria mais 10 minutos. Em um dado momento, pareceu que ele agiria da mesma forma até que, ao olhar para o relógio de parede do centro cirúrgico, deu meia volta e disse: “Posso esperar, mas não devo”. E pediu à equipe que mudasse todos os preparos, anunciando que faria uma cesariana. Saiu imediatamente para chamar o anestesista. Em poucos instantes, voltou todo paramentado e deu início à cirurgia. Em pouco tempo o bebê foi retirado do meu ventre e passado para as mãos do neonatologista. Só consegui ver a expressão de desapontamento do obstetra e fiquei assustada.

Perguntei ao meu marido, que estava ao meu lado, o que estava acontecendo e por que o bebê não chorava. Meu marido, segurando minhas mãos, disse que ele era lindo e que estava sendo bem cuidado. A verdade é que meu filho havia entrado em sofrimento e, ao nascer, estava cianótico, isto é, todo roxo, com risco de estar morto ou ficar com sequelas motoras graves, como uma paralisia cerebral. Meu marido me poupou, apesar do nervosismo que sentia. Passado algum tempo, o bebê foi reanimado, recebeu oxigênio e, de um estado de morte aparente (nível 1 de Apgar<sup>1</sup> naquele primeiro minuto de vida), evoluiu, em cinco minutos, para um nível de Apgar maior, com reflexos de vida e sem sequelas. O neonatologista, então, disse ao obstetra que se acalmasse, pois estava tudo bem com a criança. Também disse que não haveria sequelas. Me permitiram ver o menino rapidamente e, depois, levaram o bebê para uma etapa de observação. Na sala ficaram apenas eu, o médico e uma enfermeira instrumentista. Perguntei ao médico, então, o que havia ocorrido e ele me explicou tudo. Após a sutura, eles saíram da sala e uma outra enfermeira – que também havia acompanhado o parto –, entrou e me perguntou se eu acreditava em Deus. Respondi que sim, que eu era uma missionária católica. Ela, então, me falou que eu entenderia o que estava para me dizer e relatou que Nossa Senhora tinha estado naquela sala – e que havia salvado a vida do meu filho na hora do parto. Respondi que eu tinha certeza disso, mas queria saber onde Nossa Senhora estava, já que eu também havia sentido a presença dela. A enfermeira apontou para a parede onde estava o relógio e falou: “bem ali, embaixo do relógio”. Era exatamente para onde o obstetra havia olhado quando mudou de ideia em relação a esperar mais tempo pelo parto normal. Também era o mesmo lugar onde o bebê foi passado das mãos do obstetra para as mãos do neonatologista. E foi exatamente neste momento que Nossa Senhora o salvou – e eu não voltei para casa de braços vazios.

1 O teste de Apgar é uma espécie de “prova”. A avaliação é feita no primeiro e no quinto minuto de vida da criança e é realizada para verificar cinco itens do exame físico do bebê: a frequência cardíaca, o grau de esforço respiratório, o tônus muscular, o nível de irritabilidade reflexa e também a cor da pele. Cada parâmetro desses recebe nota 0, 1 ou 2. Considerando que, ao todo, são cinco itens, a nota final pode ser dez. Mais detalhes podem ser acessados no artigo de Juliana Machado Schardosim, Nayara Lauane de Araújo Rodrigues e Daphne Rattner, no trabalho intitulado Parâmetros utilizados na avaliação do bem estar do bebê no nascimento.

Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v36n2/0121-4500-aven-36-02-197.pdf>. Acesso 13 jan. 2023.

## Você já ficou sem esperança?

Vivi um tempo de grande aridez espiritual quando minha mãe foi diagnosticada com ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), uma doença degenerativa, progressiva, irreversível e fatal. Nunca havia me sentido assim antes. Eu tinha que dizer a mim mesma, o tempo todo, que eu acreditava em Deus, mesmo que eu não estivesse sentindo isso. São mais de dez anos desde que minha mãe foi diagnosticada. Ela ainda está viva, tem essa sobrevida por aparelhos e pela graça de Deus. Mas confesso que foi muito difícil aceitar que esse Deus que cura, salva e liberta não curaria a minha mãe – mãe de alguém que dedica a vida em favor do reino dos céus. Muito duro é conviver com o sofrimento e tentar compreender o seu valor. Fiquei sem esperança e estive às portas da depressão. Mas foi justamente com a graça de Deus que consegui retornar. Tenho atravessado esse tempo de preparar os que amo para o céu com a ajuda de Deus e dos irmãos de dentro e de fora da comunidade – porque a família Canção Nova é imensa e somos mesmo uma família.

## Você encontrou amparo de pessoas próximas?

No momento em que eu mais tentava compreender o sofrimento, o Senhor se utilizou de uma irmã de comunidade, Áurea – que morou muitos anos em Fátima, Portugal – para me convidar a participar de forma mais intensa da Devoção Reparadora dos cinco sábados ao Imaculado Coração de Maria.<sup>1</sup> Meu encontro com Áurea se deu na porta de um departamento da Canção Nova, onde ela me falou que sentia que deveria me chamar para ajudá-la na divulgação da Devoção Reparadora. Respondi que aceitava e foi então que ela me emprestou o livro *Memórias da Irmã Lúcia I*. Ao ler, neste livro, a história da pequena santinha Jacinta Marto, pude compreender o valor do sofrimento. Tudo o que eu vinha vivendo ganhou um novo sentido e os fardos ficaram mais leves. Também meu marido e meus filhos foram fundamentais para que eu não entrasse em depressão nem

---

1 A entrevistada se refere a uma prática católica inspirada na revelação da Virgem Maria aos três pastorinhos. A chamada Devoção dos cinco primeiros sábados é praticada em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, conforme material publicado pela Canção Nova no site <https://blog.cancaonova.com/tododemia/a-devocao-dos-cinco-primeiros-sabados/>. Acesso 20 de jan. 2023.

sucumbisse à tristeza. Foram muitos os dias que meu marido me acalmava e me fortalecia nesse difícil trajeto em que temos como companheiro o sofrimento e a impotência de nada poder fazer em favor do enfermo, a não ser amar. Naquele momento descobri o valor do amor que tudo suporta e faz alcançar aquilo que não podemos fazer com nossas forças. Meus filhos me reanimam, todos os dias, com o carinho que me dedicam e com a presença de vida.

**Houve algum momento em que você pensou que não ia dar conta?**

Vários. Nesses momentos me lancei nas mãos de Deus e a providência divina se encarregou de não deixar que nada faltasse – e até de tornar possível alcançar aquilo que parecia impossível. Foi assim com a conquista do home care, a equipe multidisciplinar de saúde que cuida de minha mãe e fornece os equipamentos hospitalares necessários para os cuidados com ela. Minha mãe respira, hoje, com a ajuda de aparelhos. Não mexe nenhuma parte de seu corpo. O mesmo se deu com a equipe médica que a acompanhou logo no início da enfermidade. Tudo que conseguimos foi pela providência de Deus – com a ajuda de pessoas que o próprio Deus colocou em cada lugar. Aos poucos, conseguimos o atendimento especializado pelo SUS, num centro de pesquisa e tratamento de doenças neuromusculares. E conseguimos, pelo plano de saúde, o custeio do home care. Os cuidados de que minha mãe precisa são especializados, e eu não tinha a menor condição de fazer o que devia ser feito ou de custear uma equipe para executar isso.

**Em relação a toda a sua história de fé, que momento foi mais desafiador?**

Os momentos mais desafiadores que vivi até hoje foram os de preparar pessoas que eu amo para entrar na verdadeira vida em Cristo Jesus, ou seja: prepará-los para a morte nesta vida. O primeiro foi meu pai, uma pessoa que não tinha vida religiosa. Para isso, tive ajuda do diácono Nelsinho Corrêa, uma pessoa de quem meu pai gostava muito e que me ajudou nos momentos finais. Há também o dr. Renan Borges Pedrosa, que, juntamente com a equipe de enfermagem do Posto Médico Pe. Pio, contribuíram para aliviar os sofrimentos vividos por meu pai. A cada dia eu rezava ao lado dele o terço da misericórdia, crendo nas promessas de Jesus a Santa Faustina. Meu pai faleceu no dia 22 de abril de 2022,

na sexta-feira da oitava de Páscoa,<sup>1</sup> na novena da Divina Misericórdia. No dia seguinte, rezei o Rosário da Madrugada com o Instituto Hessed ao vivo, no palco do Centro de Evangelização, pois já estávamos vivendo a festa da Divina Misericórdia. Foi ali que tive a certeza que meu pai, após aceitar a unção dos enfermos, havia alcançado a graça de estar no purgatório e que Nossa Senhora o levaria para ver a glória de Deus no momento certo. Em meio aos sofrimentos que vivi com meu pai, eu também vivia a missão de preparar uma amiga que, para mim, era como uma irmã do coração, e que estava com câncer em fase terminal. Ela tinha apenas 42 anos e faleceu um mês e uma semana depois da morte de meu pai. Mais uma vez eu estava trilhando o caminho do sofrimento, agora ao lado dessa pessoa tão cara para mim. Em certa manhã, enquanto eu fazia uma caminhada rezando o terço, senti que Nossa Senhora me pedia para preparar minha amiga para o céu. Foi difícil aceitar essa missão, porque eu a queria viva. Mas seus dias sobre a terra estavam contados. Tinha dias que eu me sentia fraca e impotente, não tinha palavras, não sentia força ou coragem de ouvir seus relatos sofridos, suas perdas diárias, dores lancinantes, de ver seu corpo sendo deformado pela enfermidade. Nesses dias eu pedia que fossem os olhos, as mãos, os braços, os ouvidos, a boca de Nossa Senhora no lugar dos meus membros e do meu coração. Foi a mãe do céu que me fez suportar o que, humanamente, eu não aguentaria. Minha amiga partiu para o céu no dia 28 de maio de 2022 – dia em que acontecia, na Canção Nova, exatamente no mesmo lugar, o Rosário da Madrugada, desta vez com frei Gilson e padre Marcelo Rossi. Enviei uma mensagem para minha amiga que havia ficado internada, porque seu estado havia se agravado muito. Mandei a mesma mensagem para o esposo dela, dizendo que eu estava rezando o rosário, pedindo para ela o socorro de Deus. Logo ele me respondeu dizendo que ela estava em seus momentos finais, que estava partindo. Nesse momento me coloquei de joelhos e, em meio às lágrimas, entreguei sua alma para Deus e segui rezando o rosário por ela e sua família. Poucos minutos depois, o padre Marcelo Rossi interrompeu a oração do terço e pediu para a Adriana Aridez cantar a música “Lindo Céu”, cuja letra diz:

---

1 Após o domingo de Páscoa, a Igreja vive o Tempo Pascal. São sete semanas em que a liturgia celebra a presença de Jesus Cristo Ressuscitado entre os apóstolos. Mais detalhes estão disponíveis em <https://formacao.cancaonova.com/liturgia/tempo-liturgico/o-que-e-oitava-de-pascoa-na-liturgia/>. Acesso em 20 jan.2023.

Por sobre as nuvens  
Existe um lindo céu  
Maravilhoso céu  
Morada dos Anjos

Por sobre as nuvens  
Existe um trono  
Cujos rei  
Está assentado  
À direita de Deus

Céu, lindo céu  
É o lugar  
Onde eu quero viver  
Pra sempre

Céu, lindo céu  
É o lugar  
Que o meu Deus preparou  
Pra mim

Céu, lindo céu  
Onde com os anjos  
Eu cantarei  
Adorando ao Senhor

Essa música foi um sinal de Deus para mim, um sinal de que o céu estava preparado para ela. Ao término do rosário, recebi a notícia de que ela havia partido. Hoje continuo vivendo essa missão, preparando minha mãe para seu encontro com Deus. Todos nós temos uma missão a ser vivida e, ao longo de nossos dias aqui, na terra, a vida de oração vai nos lapidando e nos fortalecendo para vivermos em santidade. Não nos fechando em nós mesmos, mas cuidando de cada um que Deus coloca ao nosso lado. Tudo o que vivi até hoje é uma grande graça de Deus.

# O Legado da Fé



“Uma das coisas que eu mais gostava era passar a tarde na casa dos meus avós maternos. [...] Esse tempo foi muito bom porque lá eu podia comer. É que já passamos muita fome.”

Eva da Paz

# *O Legado da Fé*

Entrevista com Eva da Paz Xavier Moutinho



Conheci uma mulher muito sensível e, ao mesmo tempo, forte. Eva da Paz Xavier Moutinho nasceu no dia 9 de julho de 1954, em Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto (MG). Filha mais velha do casal Antônio Xavier e Elizabete Gomes Xavier, morava com eles numa casa simples, onde dividia o quarto com seus irmãos: Maria Aparecida, Roberto, Elizabeth e José Antônio. Durante nossa conversa, Eva recordou que não havia banheiro dentro de sua casa, mas uma privada do lado de fora, pois naquela época tudo era mais difícil. Na primavera de 2018, eu e ela estávamos na Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto, pois a Eva passou mal,

com falta de ar, e precisou ser internada na UTI. Depois de uma semana, foi transferida para o quarto da enfermaria. Eva é minha mãe e, naquele dia, respondeu tantas perguntas que fiz... Queria me contar muitas coisas e eu queria saber. Houve alguns momentos de silêncio, lágrimas e troca de olhares. Foi assim que ela contou a sua história:

*“Quando eu tinha 7 anos, minha mãe, Elizabete, estava penteando meu cabelo. Eu tinha um cabelo muito grande, era uma ruiva linda – meu tio me chamava de canarinho. Ela me arrumava para ir à escola, como de costume, mas, naquele dia, de repente caiu no chão. Pensei que ela estava passando mal e fui correndo chamar a minha tia Efigênia, que morava ao lado da nossa casa. Então minha tia veio correndo. Em seguida, pediu que alguém nos tirasse de lá, e eu não entendia muita coisa, mas depois contaram a mim e aos meus irmãos que nossa mãe havia falecido. Foi um tempo muito triste. Meu pai Antônio ficou desesperado, gritava muito, ele era apaixonado pela minha mãe, e, alguns dias depois, começou a beber. Aos poucos foi se entregando ao vício do álcool, perdeu o emprego, perdeu a cabeça, e não cuidava mais da gente. Algum tempo depois, meus irmãos, Zé Antônio e Roberto, entraram numa fase de profunda tristeza. Estavam muito sentidos com a falta da nossa mãe e vieram a falecer também. A tia Efigênia era quem ajudava a cuidar de mim e das minhas irmãs, mas ela não tinha muita paciência.... Uma das coisas que eu mais gostava era passar a tarde na casa dos meus avós maternos. Todos os dias eu ia para casa de Maria de Artur Gomes e Arminta Pedro Gomes. Eles eram alegres, acolhedores, gostavam de festa, de receber visitas. A casa era sempre farta: ofereciam café com leite e a merenda que tinha em casa para as pessoas. Esse tempo foi muito bom porque lá eu podia comer. É que já passamos muita fome.”*

Como ouvinte, comecei a olhar para Eva com outros olhos e fui me colocando nessa história. Logo perguntei quem havia lhe ensinado tantas orações, quem a tinha incentivado nos passos da fé. Com um belo sorriso ela me contou que foi estimulada pelos avós maternos. “Eles rezavam muito, e ajudavam na festa de Santo Antônio. Todo ano a banda que tocava nessa festa almoçava com eles. A casa ficava cheia. Meus avós foram minhas referências de fé, me ensinaram os primeiros valores cristãos. Sou a primeira neta, eles gostavam muito de mim, eu também os amava...” E, de repente, confidenciou que o avô era “para frente” e que “mexia com as meninas”. Nesse momento, rimos juntas.

Eva também se recordou do terço, e que “gostava de rezar com a tia Retili”.

Eva também se lembrava da adolescência. “Aos 15 anos, tive que parar de estudar. Comecei a trabalhar na casa do meu padrinho, Gerson Gomes, para não passar fome. Ajudava a cuidar das minhas irmãs porque, depois da morte de minha mãe, meu pai só sabia beber, não se importava com a gente. Depois, quando minha irmã Maria Aparecida completou 11 anos, também foi trabalhar com serviços domésticos na casa de uma vizinha. E o mesmo aconteceu com a minha irmã mais nova, a Elizabete”. Bem... Até aquele momento eu pensava que conhecia Eva. Afinal, moramos juntas por 17 anos. Mas então descobri que não sabia muito sobre sua vida.

Passaram-se oito anos e voltamos a morar juntas novamente, em outubro de 2011, por causa da morte do meu pai, Vicente Moutinho. A partir daquele momento, ela veio morar comigo em Ouro Preto – eu, a jornalista que narra toda essa história. Mas se mudar para a cidade foi desafiante para minha mãe, uma pessoa que sempre morou na roça e que vivia das plantações de milho, feijão, hortaliças e da criação de animais. Também foi um momento cheio de desafios para mim. Eu era uma pessoa que trabalhava, cursava o magistério em Educação Infantil, fazia estágio, e ainda me dedicava ao teatro. E, de repente, tive que parar tudo, desistir de tudo para cuidar da minha mãe. O detalhe é que, nesse tempo, percebi que a vida já não fazia sentido para ela – o seu mundo havia desabado e tudo havia perdido o sabor. Mamãe chorava constantemente, e, aos poucos, foi se entregando à tristeza. Quando me dei conta, Eva já estava em depressão profunda.

Naquele período, o que eu mais ouvia dela era a palavra “morte”. Pedia diariamente que Deus a levasse para junto do marido. Aos poucos, tudo ficou incontrolável e ela precisou ser internada no hospital psiquiátrico Galba Veloso, em Belo Horizonte. Foi um momento em que experimentei uma dor imensa, junto com ela – pois sempre ouvi seus relatos tristes sobre esse hospital, onde ela já havia estado quando vivenciou a depressão pós parto. Contava que, naquela época, era comum ministrar choque elétrico nas pessoas. Minha mãe narrava tudo com detalhes, lembrando, em prantos, que quase morreu quando passou por isso. E contou também que, a todo momento, dizia para o médico que “não estava doida”.

A situação que ela enfrentava era a de um luto prolongado, de anos. Primeiro com a morte da mãe, ainda na infância, e, depois, com a morte dos irmãos. Por fim, a morte do marido.

Na condição de filha dela, vi um filme passar pela minha cabeça e comecei a questionar a Deus sobre o porquê de minha mãe estar ali. Por que Deus permitia que aquelas pessoas ficassem ali, naquele local? É claro que, naquele momento, as minhas orações não fluíam. Não conseguia rezar.

Minhas tias haviam me alertado para o fato de que eu precisaria de ajuda se quisesse voltar a morar com a minha mãe. Que, sozinha, eu não poderia morar com ela – exatamente por causa dos sérios problemas psicológicos que ela tinha. Não concordei. Pensei: se ela cuidou dos filhos e não foi capaz de matá-los, por que agora iria fazer mal a alguém? Confesso que não tinha conhecimento de nada. Afinal, meu pai nunca havia tocado no assunto, nunca havia explicado essa situação. Mas busquei ajuda. Passamos 30 dias no hospital e a médica me chamou para uma conversa. Fui bastante franca e disse que estava interessada em saber qual era realmente o problema da minha mãe, já que, daquele dia em diante, ela iria morar comigo, em minha casa. Então o diagnóstico de transtorno bipolar foi apresentado. E, ao mesmo tempo, tive conhecimento de que, no final daquela mesma semana, ela já teria alta. Foi um alívio e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade enorme. Voltamos para Ouro Preto e foi a partir daí que comecei a conhecer Eva, de verdade.

Passei uma semana procurando uma casa para alugar na cidade. Até então eu morava em uma república, mas, com a minha mãe em recuperação, não poderia dividir casa com ninguém. Depois de muita procura, encontrei uma kitnet no bairro da Bauxita e, então, nós nos mudamos para a Avenida Perimetral. Lá, acompanhei de perto a vida daquela viúva. Percebi que ela rezava muito – foi quando começou a me ensinar algumas orações. Conversávamos bastante nos finais de semana porque, nos dias úteis, eu tinha que trabalhar durante todo o dia – e, à noite, estudava. Nossos diálogos ao longo da semana se davam por meio de um caderno em que eu deixava, escritas, algumas atividades para ela fazer. Sugeria a leitura de livros ou de passagens bíblicas, por exemplo. Esse foi o jeito de me aproximar mais dela e fazer com que ela não se sentisse muito sozinha.

O tempo foi passando e o comportamento dela variava: ora demonstrava satisfação por estar em Ouro Preto, ora parecia infeliz naquela situação. Notei que minha mãe chorava muito à noite, mesmo em tratamento no CAPS, o Centro de Atenção Psicossocial de Ouro Preto. Isso me incomodava profundamente.

Durante algumas noites ela não conseguia dormir. Muitas vezes eu a ouvia chorar, mas me mantinha em silêncio até que, um dia, aproveitei para falar com ela e tentar entender o que se passava. Perguntava a ela por que chorava tanto, e ela dizia que sentia falta de meu pai, da sua casa na roça, da sua mãe... Enfim. A saudade doía. Eva precisou ser internada novamente no Galba, onde permaneceu, desta vez, por 20 dias. Nessa época eu não estava conseguindo acompanhá-la no hospital como gostaria. Em algumas ocasiões, tive que deixá-la sozinha. Além disso, minha saúde ficou frágil e precisei me afastar um pouco dela. Foram dias de choro e de incertezas, mas eu precisava me distanciar. Lembro que, ao chegar no hospital, deparei-me com várias jovens da minha idade internadas – cada qual com uma história diferente. Também me lembro que uma dessas jovens se tornou amiga de minha mãe. Elas rezavam o terço juntas, todos os dias.

Ao retornar para Ouro Preto, voltamos a viver nossa rotina de missas aos finais de semana, passeios na roça, oração do terço e consultas médicas, entre outros compromissos e atividades. Fazíamos muitas coisas juntas. Em 2014, mamãe foi internada novamente em Belo Horizonte devido a outra crise de depressão. Ela chorava muito, não conseguia dormir direito, não assimilava as coisas e o psiquiatra decidiu encaminhá-la para o hospital Raul Soares. Nesse hospital não podiam ficar acompanhantes, as visitas eram agendadas, bem como as ligações, e, ademais, eu não podia levar objetos nem comida para lá. Passaram-se 15 dias de internação. Eva voltou para casa e percebi que ela já se encontrava melhor. A partir desse dia, todas as vezes que minha mãe chorava por sentir falta da minha avó ou do meu pai, eu me colocava diante dela para conversar. Ela me contava toda a história já mencionada aqui – e eu tentava colocar algo de positivo em sua história de vida.

Entre 2014 até 2016, passei a perceber que as crises de choro e falta de sono duravam, em média, duas semanas. Como não queria ver a minha mãe internada novamente, resolvi viver esse processo junto com ela. Ficávamos a noite toda conversando. Eu escutava as histórias dela, e ela rezava, chorava e cantava. Até que, em meados de outubro de 2017, percebi que as crises não estavam mais tão frequentes – e que ela demonstrava ter superado a dor do luto. Foi em 2018 que Eva precisou ser internada na UTI da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto porque sentia falta de ar. Passadas três semanas, ela e eu voltamos ao médico para uma consulta

e ele disse que suspeitava de problemas cardíacos. A partir desse episódio, foi solicitada uma bateria de exames para verificar o que havia com o coração de Eva.

Apesar de tudo isso, não via a minha mãe triste. Ela sempre estava sorrindo, e sempre rezando. Depois de uma semana, voltamos ao médico e foi confirmado o problema cardíaco: arritmia. Nessa mesma semana foi divulgado o resultado da nona chamada da UFOP para o curso de Jornalismo, e meu nome estava lá. Então veio o dilema: estudar ou não? Fiquei com medo, porque pensei que não daria conta. Cheguei em casa, falei com a minha mãe e lembro do seu choro e de suas palavras: “Graças a Deus você conseguiu passar! O filho que olha mãe e pai vence na vida”. Decidi estudar. Foi uma loucura porque o período já havia começado, e havia um bom tempo que eu não estudava.

Começou a nova rotina. Trabalhava o dia inteiro e, em seguida, ia direto para a universidade. Chegava em casa por volta das 23h30. Vivemos momentos desafiadores juntas, eu e Eva. Já no final do primeiro período, ela foi internada mais uma vez na UTI por causa do problema cardíaco. A luta foi grande. Chorei no silêncio da capela, senti dores pelo corpo por vários dias, senti fome, frio, cansaço. Claro que bateu uma vontade de desistir dos estudos. Mas quando esses pensamentos chegavam à minha mente, Deus, em sua infinita bondade, enviava alguém para me auxiliar nesses momentos de calvário. Ainda assim, deparei-me com várias provas, e a maior delas foi ter que esconder a minha dor para ouvir a dor do outro. Foi assim que emprestei meu ombro para a minha mãe chorar, para falar de suas aflições. E foi dessa forma que a conheci ainda mais, que soube ainda mais sobre sua história sofrida – uma história que, mesmo marcada pela dor da perda, era uma história cheia de fé, coragem, esperança e amor. Muito amor.

Nessa época – marcada mais uma vez por esse choro sofrido –, procurei entender o porquê de tantas lágrimas. Ela falava e falava.... e foi quando peguei minha agenda e tentei dar algum sentido para aquela história. Iniciei, naquele instante, a minha primeira entrevista com Eva, que passou a me dar outros detalhes da sua vida. Fiz muitas perguntas: por que você sempre chora ao se lembrar da morte de sua mãe? E da morte do seu marido? Conte-me os detalhes desses momentos? Quantos irmãos você tinha? Por que não continuou a estudar? Por que seus irmãos morreram

ainda crianças? Quem cuidou de vocês?

Perguntei sobre várias coisas ao mesmo tempo. Recordo-me que, nessa hora, ela parou um pouco, e pensei que não fosse falar. Mas, para minha surpresa, ela passou a descrever vários momentos de sua vida – esses que contei aqui. Aos poucos, passei a fazer algumas anotações e, assim, pude retornar ao passado junto com ela. Eva me disse que a morte não é algo fácil de se encarar. Ter presenciado a morte da sua mãe, quando tinha apenas 7 anos, foi um grande trauma. Meses depois seus irmãos, ainda crianças, também faleceram – e isso se deu por causa da falta que sentiam da mãe. Não bastasse, anos depois ela enfrentaria a morte do marido. O marido, assim como a mãe dela, morreu ao seu lado. Ela viu de perto.

Passamos vários dias juntas no hospital de Ouro Preto e, assim, fui me colocando no lugar dessa grande mulher. Compreendi, então, o sentido de estar de pé, pois a mesma fé que ela obteve de sua avó materna, eu tive o privilégio de adquirir por meio dos seus ensinamentos. Com isso, procurei também encontrar o sentido da escuta sensível do outro.

Certa noite minha mãe dormiu e eu aproveitei o silêncio do hospital para fazer os trabalhos da faculdade. Ainda de madrugada, entrei na capela para rezar e, ao retornar para o quarto, cochilei. Quando acordei já era dia e minha mãe já apresentava melhora. O remédio para o coração já estava fazendo efeito e o médico pediu novos exames antes de conceder a alta. Enquanto isso não acontecia, aproveitamos para conversar mais. Então perguntei: como você e meu pai se conheceram? Já tinha ouvido a história muitas vezes, mas, para mim, naquele momento, foi como escutar pela primeira vez – pois eu já estava escrevendo os relatos. “Aos 17 anos, comecei a namorar seu pai, Vicente Moutinho. Ele tinha o apelido de Tenente. Quanto eu tinha 24 anos e ele, 26, decidimos nos casar.”

Eva se recordou desse tempo com um belo sorriso e continuou: “Foi um tempo de muitas alegrias. Meu marido trabalhava fora, tinha um bom emprego e, quando vinha para casa, a gente aproveitava para sair juntos – e também rezávamos juntos. Tempo bom, viu? Ele tinha um fusca azul, mas não tinha carteira de motorista”, ela riu. Depois de três anos de casada, teve, em 1980, o primeiro filho, Ulisses Geraldo Moutinho. Em 1981, nasceu Rosana Aparecida Moutinho e, em 1983, eu, Cremilda Aparecida Moutinho. “Foram momentos de grande alegria para nós”, Eva me contou.

Confesso que, em certos dias, meu corpo já não aguentava mais aquela cadeira de hospital. Mas apesar do cansaço, todos os dias eu rezava o terço com Eva. Tive que começar a tomar remédio para dor sempre que precisava passar mais uma noite no hospital. Lembro de um dia em que não consegui ir para a faculdade, perdi uma prova e precisei fazer o exame especial. Naquele mesmo dia também não fui à capela rezar, como de costume. Estava realmente esgotada. Mas nunca me cansei de ouvir a história de vida dela – e, assim que minha mãe despertou, já começamos a prosear novamente.

Perguntei sobre o seu casamento, seus filhos, sobre o nascimento de cada um, sobre a educação religiosa que ela e meu pai passaram para eles. Nem terminei de perguntar e ela já começou a falar: “Todos os três partos que tive foram cesarianas, cada um de um jeito diferente”. Pedi, então, que ela descrevesse a sua gestação quando eu estava para nascer – e também o parto. “Seu pai e eu não planejávamos outro filho, mas, quando descobri que estava grávida de você, ficamos muito felizes. Na época não havia ultrassom e só seis meses depois eu fui ao médico. Depois só voltei ao hospital para o parto”, contou.

Quatro dias depois da cesariana, ela retornou para casa comigo nos braços, para a sua nova rotina com mais uma integrante da família. O tempo foi passando, as crianças foram crescendo, aprendendo os valores da vida e também os valores cristãos que a minha mãe Eva havia aprendido com seus avós. Em nossa casa havia grande devoção por Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Minha mãe era tão apegada à Maria – seu relacionamento era tão forte com a mãe de Deus –, que todas as vezes que a gente rezava, seu olhar se modificava durante a contemplação das Ave-Marias. Sua fé nos alcançava, seus cantos nos renovavam, suas histórias nos fortaleciam e sua crença nos fazia crescer na santidade e no amor a Jesus e Maria.

Eva também contou que sentia muita alegria por poder levar seus filhos à Igreja, as crianças do bairro, assim como sua sobrinha Camila Mazzarelli Moutinho. Então cantou algumas músicas próprias da celebração de coroação de Nossa Senhora. Lembrou deste tempo entre lágrimas e sorrisos. Além disso, falou mais um pouco do seu cotidiano, que era marcado por inúmeras tarefas, dentre elas os afazeres da casa, o trabalho na roça, no quintal da casa, a tarefa de auxiliar as crianças no dever de casa, além de,

todos os dias, às 18 horas, rezar o terço em família. Além disso, aos domingos, todos se preparavam para a missa, a conferência e a catequese. Depois ela me perguntava se eu me lembrava desse tempo. Claro que eu me recordava de algumas daquelas coisas.

Ficamos 22 dias no hospital e retornamos para a casa. Foi uma alegria ter minha mãe de volta. Meus irmãos vieram nos visitar, conversamos bastante, e também recebemos outras pessoas em nossa casa. Aos poucos, as coisas foram se ajeitando. Em 2020, infelizmente, deparamo-nos com a pandemia. Foi um momento angustiante para todos nós, principalmente para aqueles que foram acometidos pela doença e que perderam entes queridos. Posso dizer que, naquele momento trágico, tive a graça de ficar mais tempo ao lado da minha mãe, pois sua saúde foi ficando cada vez mais frágil e eu queria aproveitar cada momento ao seu lado.

Para nossa surpresa, no entanto, aconteceu algo maravilhoso em nossas vidas: um novo membro estava chegando para a nossa família! Meu irmão Ulisses estava na fila de adoção havia sete anos e, em maio daquele ano de 2020, o João chegou para fazer parte do nosso círculo familiar. Recordo da pergunta que minha mãe me fez: “Kelly, como vamos amar esse menino?” Eu respondi: “Da mesma forma que você ama o Diogo, seu neto. Agora você tem dois, dona Eva.” Ela sorriu e chorou ao mesmo tempo. Quanta alegria eu vi naquele rosto. E depois ela disse: “Agora tenho que ir à Igreja para agradecer a Deus porque meu pedido foi atendido”.

Em abril de 2021, eu e minha mãe fomos para a nossa casa, na roça, e passamos o melhor dia juntas. Mas ao cair da noite ela se sentiu mal e a levamos para UPA, a Unidade de Pronto Atendimento de Ouro Preto. Era uma quinta-feira. No sábado, ela sofreu um acidente vascular cerebral, um AVC. Foi preciso fazer a intubação e, dois dias depois, ela estava novamente internada na UTI. Naquele momento, senti que ela não voltaria para casa. Lembrei, nessa hora, da história de vida dela, a história que ela havia me relatado em 2018. Senti uma dor na alma, a dor da perda. E percebi que Deus já nos preparava para nos separarmos dela definitivamente.

Minha mãe ficou 56 dias internada e, todas as quintas-feiras, eu tive a graça de ir à UTI e rezar o terço junto dela. Eva já não falava, por causa dos aparelhos, mas ouvia. Expressava-se com seu olhar, e com suas lágrimas. Quando eu a visitava, toda semana, tentava passar para ela o melhor que estava dentro de mim. Fui vivendo esse processo em meio ao

quinto período do curso, na faculdade. Junto às pessoas de minha família estava vivenciando um calvário, um luto antecipado. Mas busquei dar sentido à dor que me acometia. Comecei a contemplar Jesus na Cruz. Ao seu lado, estava sua mãe, Maria. Foi então que clamei pela intercessão da Virgem mãe de Deus, pedindo a ela ajuda para me manter de pé.

Um tempo depois, recebi em casa a visita de alguns amigos, a Silvânia Ferreira, a Rosali e o José, da Comunidade Católica Shalom, de Belo Horizonte. Durante nossas conversas, um deles me orientou a fazer minhas orações agradecendo a Deus por estar vivenciando aquele momento. Claro que, na hora, achei estranho. Mas aproveitei a quinta-feira, o dia 3 de junho de 2021, para adorar, contemplar e conversar com Jesus exposto no altar. Então fui até a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, na Bauxita, em Ouro Preto, e iniciei minhas orações.

Minha oração foi simples, direta, com louvores e lágrimas. Então eu disse assim: “Senhor, como é difícil louvar em meio à dor, mas estou aqui e lhe agradeço por esse momento. Meu Pai, me dê força e sabedoria. Sei que está aqui, também sei que está me ouvindo: não suporto mais essa situação. Meu senhor, não preciso provar minha fé para ninguém e hoje estou aqui para lhe entregar a minha mãe Eva, em teus braços. Eu creio na ressurreição e sei que, ao terceiro dia, ela estará junto de ti no céu”. Em seguida, fiz também uma prece à Maria, mãe de Deus, dizendo: “Mãe, que a senhora possa me carregar no colo, pois sei que vou precisar. E ainda lhe peço que acompanhe a minha mãe Eva até o teu filho Jesus”. Rezei o terço junto com a minha comunidade paroquial e, depois, fui para casa.

A data seguinte, 4 de junho, marcaria a partida da minha mãe. Eva se foi naquele dia. Viveu seus 64 anos nos ensinando o legado da fé, a superação de tudo através do amor e a força da família, que é tudo.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu bom Deus e à Virgem Maria pela presença constante em minha vida, por terem me sustentado em todos os momentos e terem me proporcionado a graça de concluir esse curso tão sonhado.

Aos meus pais, Eva da Paz e Vicente Moutinho (in memoriam), meus primeiros mestres e educadores, que me ensinaram os valores da vida. À minha mãe, especial carinho. Ela chorou e sorriu comigo quando passei e conquistei uma vaga no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, e acompanhou o início da minha trajetória acadêmica. Como eu gostaria que ela estivesse aqui para desfrutar essa conquista comigo! Aos meus irmãos, Ulisses e Rosana, sou grata pelo carinho, apoio, compreensão e amparo durante esse tempo de estudo. Aos meus sobrinhos Diogo, João e Lorena, expresse minha gratidão por vocês terem proporcionado momentos de muitas alegrias em minha vida. Da mesma forma, agradeço a todos os familiares que ajudaram direta ou indiretamente em meu caminho.

Agradeço aos meus amigos, colegas do jornalismo e padrinhos de oração pela ajuda, pelos abraços, pelas partilhas e incentivos durante esse percurso. Expresso minha gratidão também a todos da Comunidade Católica Shalom, em Belo Horizonte, à Pastoral de Comunicação da Paróquia de Cristo Rei, por terem me proporcionado trocas de experiências e crescimento profissional.

Da mesma forma, agradeço aos meus entrevistados: Daniele Carvalho, Viviane Costa, Padre Magno Murta, Padre André Sabino, Padre Inocência Coeine e Adriana Ferreira, por compartilharem comigo suas histórias de fé. Agradeço também pela delicadeza durante as longas conversas. Aos ilustradores Rosana Moutinho e Diogo Ezequiel, e à diagramadora Liria Barbosa, minha especial gratidão.

À minha orientadora, Hila Rodrigues, agradeço imensamente por me acolher com tanto carinho e me acompanhar nesta reta final do curso. Obrigada, Lara Linhares e Frederico Tavares, por participarem da minha

da minha banca examinadora. Da mesma forma, agradeço a todos os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, aos demais docentes, funcionários e técnicos administrativos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas dos setores da Universidade Federal de Ouro Preto nos quais trabalhei - ICSA, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas; NACE, Núcleo de assuntos comunitário estudantis e à Farmácia Escola - pelo incentivo e afeto.



**“Uma prova de que Deus esteja conosco, não é o fato de que não venhamos a cair, mas que nos levantemos depois de cada queda!” Santa Teresa de Ávila**



Cremilda Aparecida Moutinho,  
missionária católica, professora de Educação Infantil,  
cerimonialista e jornalista.

Sua primeira experiência como escritora.

Seu livro Prosa sobre a fé é inspirado em histórias de fé  
marcadas por relatos sobre a crença, perseverança, oração,  
família, persistência, coragem e amor.



